

The background is a vibrant, abstract composition featuring numerous hands of various colors (blue, orange, red, yellow, brown, and dark blue) reaching upwards and outwards. Interspersed among the hands are stylized green leaves and branches. The background also includes large, soft-edged circles in shades of orange and blue, and areas with a fine dotted pattern. The overall style is modern and artistic, emphasizing themes of unity and diversity.

INCLUSÃO E DIVERSIDADE: educação para todas as pessoas

Dario Aragão Neto
Maria Cecília Gama
Daniele do Val

Inclusão e diversidade: educação para todas as pessoas

COORDENAÇÃO

Dario Aragão Neto
Maria Cecília Gama
Daniele do Val

2026

EDITORA
FOA 20
ANOS

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA

Presidente

Eduardo Guimarães Prado

Vice-presidente

Walter Luiz Moraes Sampaio da Fonseca

Diretor Administrativo-financeiro

Denys Ribeiro Furtunato

Diretora de Relações Institucionais/

Superintendente Executiva

Josiane da Silva Sampaio

EDITORA FOA

Editor-chefe

Laert dos Santos Andrade

Diagramação

Ubiracy Junior

editora.unifoa.edu.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA - UniFOA

Reitora / Procuradora Educacional Institucional

Ivanete da Rosa Silva de Oliveira

Pró-reitor Acadêmico

Bruno Chaboli Gambarato

Pró-reitora de Extensão

Ana Carolina Callegario Pereira

Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação

Ana Carolina Dornelas Rodrigues

Pró-reitor de Educação a Distância e Tecnologias de Ensino

Rafael Teixeira dos Santos

Pró-reitor de Planejamento e Desenvolvimento

Washington de Macedo Lemos

FICHA CATALOGRÁFICA

Bibliotecária

Alice Tacão Wagner - CRB 7/RJ 4316

A659i Aragão Neto, Dario
Inclusão e diversidade: educação para todas as pessoas. [e-book].
Volta Redonda: FOA, 2026. 96 p. II

Outros autores: Maria Cecília Fontainha de Almeida Gama;
Daniele Ribeiro do Val de Oliveira Lima Santa Bárbara

ISBN: 978-85-5964-168-4

1. Educação inclusiva. 2. Diversidade - educação 3. Educação. I. Fundação
Oswaldo Aranha. II. Centro Universitário de Volta Redonda. III. Título.

CDD 371.912



Esta licença permite que os usuários distribuam, remixem, adaptem e criem obras derivadas a partir do material em qualquer meio ou formato, exclusivamente para fins não comerciais e desde que seja feita a devida atribuição ao criador.



**ESCRITÓRIO DA
CIDADANIA**

COORDENAÇÃO

Dario Aragão Neto, Maria Cecília Gama e Daniele do Val

APRESENTAM

**"INCLUSÃO E DIVERSIDADE:
EDUCAÇÃO PARA
TODAS AS PESSOAS"**

e-book com base nos podcasts veiculados no Spotify
em 02/2024, sob o título ESCRITÓRIO DA CIDADANIA EM MOVIMENTO



Escritório da Cidadania
em Movimento #UniFOA
- Educação libertadora e
inclusiva



Escritório da Cidadania
em Movimento #UniFOA
- Inclusão e Diversidade:
educação para todos



Escritório da Cidadania
em Movimento: Educação
Inclusiva pela Diversidade

SUMÁRIO

1 A POLÍTICA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA PELA DIVERSIDADE DO UniFOA	6
1.1 Os principais desafios encontrados na prática clínica em atendimento, voltados para a educação inclusiva.	7
1.2 A evolução da educação ao longo do tempo, suas teorias e a educação para a diversidade	11
1.3 O ensino inclusivo no UniFOA por meio do CAIP – Centro de Aprendizagem e Inovação Pedagógica	21
1.4 Programa de Saúde Integral: estratégias de inclusão e acessibilidade do UniFOA.....	26
2 EXPERIÊNCIAS COM A EDUCAÇÃO NO UniFOA: A VOZ DOS DISCENTES.....	32
2.1 Dois momentos: o Setembro Amarelo e Experiências com relação à diversidade e à inclusão	33
2.2 Reflexão sobre a saúde mental e resgate histórico e teórico acerca do suicídio – Setembro Amarelo.....	35
2.3 Reflexão e experiência sobre o autismo.....	47
2.4 Reflexão e experiência sobre a dislexia.....	49
2.5 Reflexão e experiência sobre o TDH	52
3 CONCEPÇÃO PROGRESSISTA E LIBERTÁRIA DA EDUCAÇÃO: EDUCAÇÃO PARA TODAS AS PESSOAS	60
3.1 Concepção progressista e libertária da educação: educação para todas as pessoas.....	60
3.2 Educação Inclusiva pela Diversidade	61
3.3 Panorama histórico – teoria progressista da educação e suas três vertentes	63
3.4 Os principais desafios encontrados na prática clínica, em atendimento, voltados para a educação inclusiva	74
REFERÊNCIAS	92

INTRODUÇÃO DO E-BOOK

Maria Cecília Fontainha de Almeida Gama

Este e-book tem como base uma remodelagem do VI Debate Étnico Racial e a Cidadania sob a Ótica do Cinema, cujas mudanças visam a renovação da abordagem e metodologia dos temas sociais, privilegiando as demandas de conhecimento e a possibilidade de participação de convidados. Neste segundo ano do programa, optou-se, no segundo semestre de 2024, pelo tema: "Inclusão e Diversidade: educação para todas as pessoas", que foi ao ar, nos meses de agosto e setembro de 2024, gravado nos Estúdios FOA, sob a forma de podcasts, veiculados pela plataforma Spotify, sob o título: Escritório da Cidadania em Movimento.

Os objetivos e metas da ação de extensão tanto na formação do público, quanto na formação do estudante foram: provocar a discussão crítica acerca do tema da educação inclusiva e da diversidade, considerados temas complexos no seu âmago, de forma a minimizar comportamentos sociais que reproduzam preconceitos e discriminações, iluminando as relações entre pessoas e grupos com reflexões comprometidas com valores de solidariedade e respeito. Instrumentalizar o cidadão para o exercício de sua capacidade de expressão, poder de síntese e habilidades e argumentos sobre a tradução de uma realidade multifacetada, que requer análise e sensibilidade diante das consequências que o tema provoca. Possibilitar uma convivência acadêmica respeitosa e interativa, sem atravessamentos racistas, capacitistas, etarista, sexistas e homofóbicos. Promover formação discente crítica, propositiva, interdisciplinar e referenciada à defesa dos direitos humanos.

Pensar sobre a inclusão e a diversidade sob a ótica da educação para todas as pessoas foi o ápice de nosso objetivo, e para isso contamos, para expor a voz dos docentes envolvidos no ensino inclusivo do UniFOA, com a presença dos representantes do CAIP – Centro de Aprendizagem e Inovação Pedagógica – professora Maria das Graças da Silva Lima e do Programa de Saúde Integral, representado pelo professor Ailton da Silva Carvalho. Tivemos a participação internacional do psicólogo e professor Rodolfo Emilio Justine Limbo, do Panamá, relatando os principais desafios na prática clínica e atendimento e

no magistério voltados para a educação inclusiva. Contamos também com a plena participação de nossos alunos, representantes dos cursos de Medicina, - Eduardo Leite Flôr -; Serviço Social – Franciane de Paula Silva Osório e Design, - Ana Carolina Ribeiro, que refletiram sobre suas condições de autismo, TDH e dislexia e como são atendidos no UniFOA em suas necessidades.

Encerramos mais um ciclo de podcasts, ora transformados em e-book, onde procuramos ampliar o público alvo para a difusão crítica do tema proposto, das situações acadêmicas dos alunos e do atendimento dos profissionais envolvidos nesses cenários. Sabemos que uma educação para todas as pessoas depende de um compartilhar entre instituições, profissionais, estudantes, famílias, Estado e sociedade.

Que esse trabalho sirva de incentivo a todos àqueles que dele tomarem conhecimento, tornando os seres humanos mais empáticos e voltados para o seu próximo, sua sociedade e para a vida que depende dessa empatia diante do seu semelhante.

1 A POLÍTICA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA PELA DIVERSIDADE DO UniFOA

INTRODUÇÃO

Iniciamos hoje mais um ciclo do Escritório da Cidadania em Movimento. Meu nome é Daniele do Val Santa Bárbara, sou assistente social e professora doutora do UniFOA. E na expectativa de termos um bate papo inspirador, desejo a todas as pessoas que nos ouvem e aos nossos convidados e colaboradores de hoje um excelente dia. Com o tema "Inclusão e Diversidade: educação para todas as pessoas", vamos neste semestre conversar sobre a importância de uma educação voltada à cidadania, à inclusão, ao respeito à diversidade e pelos direitos humanos. Vamos debater o sobre o quanto a educação pode e deve ser libertadora e inclusiva. Iniciamos esse ciclo apresentando a política de educação inclusiva e pela diversidade do UniFOA. Nosso objetivo é começar nosso debate já mostrando o quanto é possível as instituições de ensino implementarem estratégias de materialização dos princípios e diretrizes da educação inclusiva

e pela diversidade. Assim, hoje falaremos um pouco sobre a contribuição do UniFOA na defesa e garantia de uma educação para todas as pessoas, com a apresentação do Centro de Aprendizagem e Inovação Pedagógica – CAIP – e do setor de Saúde Integral. Estão aqui presentes, a pedagoga responsável pelo CAIP, Graça Lima, e o assistente social e professor mestre Ailton Carvalho, responsável pelo Saúde Integral. Mais antes de conhecermos a experiência do UniFOA, vamos também ouvir a professora mestre convidada e institucional Maria Cecília Gama, que nos apresentará um panorama conceitual e filosófico sobre o que é a educação, suas abordagens e autores e como ela pode e deve ser inclusiva e pela diversidade.

1.1 Os principais desafios encontrados na prática clínica em atendimento, voltados para a educação inclusiva.

Daniele Ribeiro do Val de Oliveira Lima Santa Bárbara

Para introduzirmos nosso tema de hoje é importante falarmos que são muitos os desafios para a implantação de uma política educacional inclusiva e que acolha a diversidade. Temos desafios culturais, políticos e institucionais para que possamos adotar práticas inclusivas em diferentes contextos educacionais, não sendo diferente, mas talvez seja ainda mais desafiador, essa implantação no ensino superior. Inclusive, podemos levantar a hipótese de que talvez, agora, é que comecemos a herdar, no nível superior, os alunos que viveram os processos iniciais de mudanças nos cenários educacionais anteriores. Ainda assim, muitos alunos ao chegarem ao nível universitário não trazem em sua bagagem formativa uma experiência constituída nessas perspectivas mais progressistas e emancipadoras da educação. Tão pouco experimentam metodologias inclusivas e de respeito e acolhimento da diversidade.

Portanto, para o processo de maturação acadêmica, o aluno deve continuar a acessar, no ensino universitário, as oportunidades de aprendizagem que acolham as suas necessidades, com incentivos pedagógicos que contribuam para seu desenvolvimento formativo e profissional. Ou mesmo, seja somente com a sua entrada na educação superior que ele comece essa experiência.

Se a educação inclusiva visa garantir que todos os alunos, independentemente de suas condições físicas, sensoriais, intelectuais ou de aprendizagem, tenham acesso a uma educação de qualidade, precisamos promover sua participação no aprendizado, respeitando suas diferenças e oferecendo suporte apropriado para que suas necessidades individuais sejam contempladas. Desta forma, as instituições de ensino precisam estar preparadas não só para aloca-los, mas também para mantê-los e formá-los.

Apesar do Brasil possuir um conjunto de legislações e diretrizes que tratam dos aspectos relacionados à inclusão e ao respeito à diversidade na educação, isso é relativamente recente. Podemos citar a Constituição Federal de 1988, que estabelece a educação como direito social de todos sem discriminação; além de diretrizes e bases da Educação Nacional, a LDB, que é de 1996, e já sinalizava que a educação especial deveria ser oferecida, preferencialmente na rede regular de ensino; a Lei número 1098 de 2020, conhecida como a Lei de Acessibilidade, que visa garantir que todos os ambientes e serviços sejam acessíveis a todos e a Lei 13146 de 2015, que institui o Estatuto da Pessoa com Deficiência e reforça o direito à Educação Inclusiva, defendendo que pessoas com deficiência tenham acesso a uma educação de qualidade em todos os níveis de ensino, do básico ao superior, em ambientes inclusivos e acessíveis.

Ainda estamos no processo de mudanças e avanços na implementação dessas leis e diretrizes, que precisam atravessar todos esses níveis educacionais e isso requer a adaptação dos currículos, a formação dos educadores, a criação de um ambiente escolar inclusivo e respeitoso. O Brasil, precisamos reconhecer, avançou muito nesse debate com a aprovação da política nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva em 2008. Polemizou com sua revisão em 2020, quando aprovou a política nacional da Educação Especial Equitativa e Inclusiva, com aprendizado ao longo da vida, quando abriu a possibilidade de as famílias dos alunos escolherem entre diferentes tipos de instituições de ensino, incluindo escolas comuns inclusivas ou escolas especiais. E isso é que foi criticado como um retrocesso no debate sobre a inclusão. E agora, com a revisão dessa política e a implementação do Plano de Afirmção e Fortalecimento da Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, esse plano agora resgata os princípios e as diretrizes da política de 2008, e se posiciona na defesa de uma inclusão plena.

Importa-nos destacar que a Educação Inclusiva é diferente da Educação Especial, pois enquanto a Inclusiva defende um ambiente educacional onde todos os estudantes possam aprender juntos, a Educação Especial não prevê que ela seja realizada nas escolas regulares, e historicamente, ela foi realizada em escolas separadas. Por isso precisamos mudar mentalidades. Paradigmas são quebrados quando uma lei seja sancionada, mas para que não haja retrocessos, toda a sociedade deve acreditar e contribuir para seu fortalecimento.

O senso escolar no Brasil, produzido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, o INEP do governo federal, ao sistematizar os dados do ano de 2023, verificou um aumento nas matrículas de alunos com algum tipo de deficiência na rede regular de ensino, principalmente estudantes com deficiência intelectual, seguidos dos que possuem transtorno do espectro do autismo. Isso só reitera a urgência nas respostas que garantam atendimento e a formação desses alunos, tanto nos níveis da educação infantil, básica e média e possibilitem a continuidade das suas trajetórias na educação superior.

Podemos afirmar que um dos principais avanços trazidos pelo debate da educação inclusiva se refere à concepção de que são as instituições de ensino que precisam se adaptar para atender a diversidade de seus alunos, não o contrário.

E sobre a compreensão da diversidade na educação precisamos destacar uma dupla dimensão nesse debate. A primeira, como já vimos, está associada às oportunidades de aprendizagem trazidas pela educação inclusiva, com o compromisso de não fazermos diferenças e desigualdades. E uma segunda dimensão se refere ao desenvolvimento de uma consciência crítica social, uma consciência política na formação do estudante. O respeito à diversidade só será possível no contexto das possibilidades de sua compreensão, pois você defende algo à medida que entende seu significado e sua importância. Neste sentido, as políticas educacionais e as práticas pedagógicas precisam apreender, discutir, respeitar e compartilhar os aspectos sociais históricos culturais da formação da sociedade a qual pertencemos, precisam fomentar o debate sobre os direitos humanos e igualdade social, cidadania, democracia. Podemos exemplificar aqui a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nos diferentes níveis de ensino, o que contribui para a ampliação do repertório

formativo para compreendermos a diversidade cultural do Brasil. A diversidade assim possui múltiplas expressões: corporal, intelectual, social, étnica, de gênero, religiosa. Abrindo um parêntese para um trocadilho: são diversas as diversidades.

Antes de finalizarmos e passarmos a palavra para nossos parceiros e colaboradores, precisamos pensar também sobre como a diversidade, quando não é compreendida e respeitada, não só segrega e exclui, mas adocece e mata. A coexistência das diferenças não deve produzir conflitos, violências e sofrimentos. Mas a sociabilidade contemporânea ainda teima em nos impor padrões, sejam eles de beleza, de inteligência, de comportamento, como de cultura, religião, política, classe, status financeiro. A sociabilidade gestada na tecnologia ao tempo que nos potencializa para o crescimento, também pode nos afetar negativamente, ao tempo que permite a inclusão, pode afirmar a exclusão. A exposição constante nas redes sociais, por exemplo, leva muitas vezes à comparação, à uma necessidade de status desmedida, e pode causar nos jovens ansiedade, depressão, sentimento de inadequação, inferioridade, insegurança, estresse, isso afeta a saúde mental dos jovens e reflete nos seus contextos de vida, inclusive no contexto educacional. E a pressão que os alunos passam, em particular no ensino superior, onde o desempenho acadêmico que seja propulsor de sucesso, pode aumentar os níveis de estresse e ansiedade, gerando doenças como: depressão, burnout, sofrimentos psíquicos, entre outros. Podem também provocar desistência do ciclo de formação. Quantas matrículas podem ser trancadas por esses motivos. Quantos talentos podem ser perdidos.

Com o podcast de hoje pretendemos contribuir com a defesa de processos pedagógicos progressistas e inclusivos. Dizer que é possível trabalhar com a perspectiva da inclusão com respeito à diversidade e provocarmos o estabelecimento de outras propostas metodológicas que acolham e formem todas as pessoas.

Dito isso, gostaria de passar a palavra então para a companheira de todos os podcasts, professora Maria Cecília Gama, que vai contribuir com a sua leitura filosófica sobre a educação.

1.2 A evolução da educação ao longo do tempo, suas teorias e a educação para a diversidade

Maria Cecília Fontainha de Almeida Gama

Obrigada Daniele. Primeiro bom dia a todos! A você Daniele, professora Graça, professor Ailton. Bom dia Renato, estreando aqui com muito orgulho com esse novo estúdio do UniFOA, maravilhoso, belíssimo, que nós aqui somos os primeiros a apresentar um podcast dentro deste ambiente. Então a gente só tem muito orgulho de pertencer a uma instituição que nos dá esse privilégio, de termos este estúdio para que nós possamos passar para os nossos alunos e para os nossos ouvintes aquilo que temos a dizer.

Isto dito, vamos falar a respeito hoje da educação, dessa evolução que ela teve ao longo do tempo e as suas teorias e o que seja a educação para a diversidade.

Quando atuamos em uma área à qual somos apaixonados, sempre queremos absorver tudo sobre ela, inclusive as informações sobre o surgimento e as raízes mais remotas. Para você que também é do segmento educacional, imagino que a história da educação seja algo fascinante como é para mim! Para que você possa alocá-la, resolvemos te presentear com uma fala sobre o assunto. Espero que goste!

Vamos começar a nossa jornada? Ela se inicia em uma época tão distante que se mistura com a própria história humana. Se prepare então para entrar no túnel do tempo.

Em algum momento da história o ser humano percebeu que poderia transmitir conhecimento a outro ser humano. Quando exatamente isso aconteceu é algo que não se pode determinar com exatidão, mas foi em algum período entre os primórdios da humanidade. A história da educação teria assim começado de uma maneira intuitiva e natural, com as crianças aprendendo com os mais velhos por meio da observação, da mesma forma como fazem os animais. O aprendizado nessa época era concentrado nas necessidades do momento. Na pré-história, essas necessidades se focavam em atividades de sobrevivência, como a caça e a pesca, por exemplo. Se aprendia observando e fazendo, e o aprendizado, naquele momento, era para todos.

O surgimento da propriedade privada mudou as relações entre os homens, e começaram a aparecer as classes sociais e a escravidão. Na Grécia e na Roma antigas os homens livres dispunham de muito tempo ocioso, e com o objetivo era alocá-lo, cria-se uma instituição que conhecemos até hoje: a escola. Lá os cidadãos adquiriam conhecimentos condizentes com os interesses da sociedade em que viviam. Eram ensinados conteúdos como oratória, retórica, filosofia, artes e literatura. O aprendizado ajudava os estudantes a se prepararem para a vida política, que era o grande mote das sociedades greco-romanas. Para os escravos, porém, o aprendizado continuava ocorrendo de maneira informal. A escola nesse período não era para todos.

Como você já deve ter percebido, as tendências educacionais costumam caminhar junto com o momento histórico pelo qual a sociedade está passando, e na Idade Média não era diferente.

Se a vida política ditava a concepção de sociedade na Grécia e na Roma antigas, na Idade Média esse papel fica com a religião. A escola deixa de ser focada no ensino de habilidades políticas e passa a ter forte influência da Igreja Católica. Entre os conteúdos que eram ministrados estavam o latim e o ensino religioso. Se você acha que o ensino nessa época ficou democrático, engana-se. No período medieval a escola continua sendo para poucos. Enquanto as camadas mais altas da sociedade têm acesso à escola, grande parte da população é analfabeta.

O movimento iluminista, que sacudiu a Europa no Séc. XVIII, combatia o teocentrismo – que era uma doutrina ou filosofia que considera Deus como o centro de todo Universo, responsável pela criação do mundo e de todas as coisas nele existentes.

O Iluminismo tinha como lema “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, e serviu de forte inspiração para a Revolução Francesa (1789-1799). Esta, por sua vez, culminou na aprovação da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, feita pela França. Nas décadas seguintes essa declaração influenciaria publicações similares em outros países da Europa e da América Latina.

Com direitos civis, as pessoas de diversas camadas da sociedade ganham status de cidadãos e passam a ter acesso à escola. O conhecimento começa então a se democratizar.

Um outro fator que favoreceu a expansão da educação foi a Revolução Industrial, acontecida no século XIX. (1820 – 1840). Ela é marcada pela mudança da produção artesanal para a de máquina. Como as fábricas precisavam de mão de obra qualificada, ampliar a oferta de escolas para as classes mais baixas ia de encontro a essa necessidade. A configuração mais tradicional de sala de aula que conhecemos hoje, com alunos enfileirados uns atrás dos outros, é um resquício dessa época, quando o formato de fábrica passou a ser aplicado e replicado pelas instituições.

A Era da Informação – também chamada de Era Tecnológica ou Era Digital – é o período pós-era industrial marcado pelos avanços tecnológicos que começaram a transformar a sociedade a partir da década de 1980.

Como em todos os momentos da história, os reflexos do que a sociedade vivia chegaram nas escolas, e a tecnologia começou a transformar a educação. Instituições de ensino passaram gradualmente a adotar laboratórios de informática. A internet tornou o acesso ao conhecimento mais rápido do que as bibliotecas e permitiram e a modalidade de EaD se avançar e se expandir.

A Educação 4.0 é o reflexo nas escolas da Indústria 4.0 ou 4ª Revolução Industrial. O momento – que é este que vivenciamos atualmente – se caracteriza pela alta tecnologia que o setor industrial emprega para a automação de processos e o surgimento de conceitos como computação em nuvem e internet das coisas.

A Educação 4.0 traz essa realidade para dentro das escolas, passando a focar o processo de ensino e aprendizagem em habilidades requeridas pelo mercado dos dias atuais – entre elas empreendedorismo, matemática, lógica e conhecimentos digitais.

Métodos de ensino que valorizam o plano virtual, a experimentação, a prática, a colaboração e a interdisciplinaridade ganham destaque. O formato de sala de aula começa a ser revisto, e muitos modelos são configurados para que o aluno saia do papel de observador e passe a ter a função colaborativa e até protagonista dentro do próprio ensino.

Os processos dentro das escolas também mudam, e diversas tarefas começam a ser gerenciadas pela tecnologia. Recursos digitais passam a ser usados desde o momento em que o aluno entra na escola e atravessa a

catraca eletrônica, até o instante em que a instituição se comunica com os pais dele por aplicativo instalado no celular. Toda a gestão é feita digitalmente, os processos são integrados uns aos outros e até as mensalidades são pagas pelos respectivos responsáveis em poucos cliques.

Entramos então na era da inteligência artificial.

Fazer previsões com base em um grande volume de dados. Diagnosticar doenças a partir de informações genéticas, históricos médicos e exames. Encontrar o suspeito de um crime com reconhecimento facial. Raciocinar dentro de um cenário de incertezas. Realizar análises financeiras e avaliar os riscos de uma empresa a partir de consultas de mega dados. Todas essas tarefas, antes feitas por nós, humanos, já podem ser executadas com a inteligência artificial, a IA. Mas, afinal, como definir essa tecnologia que está mudando o nosso mundo e promete transformar mais ainda a nossa sociedade?

São várias as definições da IA. Uma delas a descreve como a atividade dedicada a tornar as máquinas inteligentes, e inteligência é a qualidade que permite que uma entidade funcione adequadamente e com previsão em seu ambiente. Ainda que não tenhamos uma definição exata, podemos dizer que IA envolve tecnologias computacionais que atuam inspiradas – ainda que ajam de forma diferente – na maneira humana ou de outros seres biológicos de sentir, aprender, raciocinar e tomar decisões. Uma descrição mais simples seria: é uma área multidisciplinar cujo objetivo é automatizar atividades que requerem a inteligência humana.

Há pouco tempo a IA era vista como ficção científica, sua história se confunde com a da própria computação. O britânico Alan Turing (1912-1954), conhecido como pai da computação, foi um dos pioneiros na área. O desenvolvimento da IA começou na década de 1950. Em 1956, um grupo de pesquisadores, entre eles os americanos Nathan Rochester (1919-2001), da IBM, Claude Shannon (1916-2001), o pai da Teoria da Informação, e John McCarthy (1927-2011), se reuniram em uma conferência no campus da Dartmouth College, nos Estados Unidos. Neste encontro, McCarthy alcunhou o termo inteligência artificial, definindo-o como “a ciência e a engenharia de produzir máquinas inteligentes”.

A partir desse evento, as primeiras pesquisas e resultados usando IA começaram a surgir. Em 1959, aparece pela primeira vez o termo machine learning para se descrever um sistema que permitia aos computadores aprender alguma função sem serem programados diretamente para isso.

Décadas depois, no entanto, observou-se que esses avanços não estavam acontecendo na velocidade que se imaginava. Então foram idas e vindas e essa frustração trouxe períodos de baixo investimento na área, que logo eram retomados, muitas vezes impulsionados pelas evoluções tecnológicas nos computadores.

Nos anos 1990, com o surgimento da internet comercial, a IA sofreu um novo impulso ao ser usada para o desenvolvimento de sistemas de navegação. O protótipo do que seria hoje o Google surgiu nessa época como uma ferramenta baseada em programas que analisavam os dados da rede e os classificavam em grupos de interesse predeterminados. Nesse período também, foi desenvolvida uma máquina para jogar xadrez: o Deep Blue era capaz de analisar todas as possibilidades e, assim, prever respostas e o melhor movimento das peças no jogo. Venceu uma partida contra o campeão do mundo, o soviético Garry Kasparov. Foi a primeira vez que uma máquina derrotou um humano, mas na série de partidas o enxadrista levou a melhor.

Daí em diante, foram muitos os avanços tecnológicos que provocaram um aumento exponencial de aplicações da inteligência artificial. A automação de processos, que são operados por “robôs” na indústria; sistemas inteligentes que analisam imagens para reconhecer padrões e auxiliar os médicos na tomada de decisão de diagnósticos; vimos agora, no nosso recém adquirido, com muita satisfação, o HFOA, que foram executadas algumas operações feitas pela robótica, operações de hérnias, se não me engano. Então vamos ver que os assistentes pessoais que temos, como a Siri e a Alexa que interagem com o usuário de smartphones; os jogos digitais que aprendem o comportamento do jogador; os veículos autônomos e muitas outras tecnologias que fazem parte de nosso dia a dia.

Você viu quanta mudança da pré-história até aqui? Que salto hein?

O processo educacional envolve muitos conceitos, práticas e teorias diferentes. Essas teorias baseiam estudos e regem algumas linhas de

pensamento e conduta de muitos educadores. No meio educacional, algumas teorias da educação podem ser muito diferentes umas das outras, levando professores a caminhos diversos. Isso é super interessante, afinal, a educação deve ser refletida e reavaliada a todo momento, sem padronizações muito engessadas.

De todo modo, a maioria das teorias da educação passam aspectos individuais e sociais do aluno no processo de ensino. Todo indivíduo, apesar de suas particularidades, desenvolve uma natureza social que move sua forma de viver. Por isso, as teorias da educação se dividem em dois pontos de vista: O ponto de vista

Psicológico, que visa potencializar as capacidades do indivíduo; e o ponto de vista Sociológico, que busca desenvolver habilidades sociais e socioemocionais.

Explorar esses aspectos na educação em sala de aula é essencial para o crescimento e desenvolvimento do aluno como cidadão. Além disso, este processo ajuda a formar habilidades biológicas, psicológicas, sociais e culturais do indivíduo.

Quais são então as tendências em teorias da educação?

O educador e escritor brasileiro, José Carlos Libâneo, classificou as tendências pedagógicas em dois grupos, que seriam os liberais e os progressistas. Ou seja, essas tendências em teoria da educação influenciam a posição dos professores na sua prática docente em relação à sociedade.

As pedagogias liberais são teorias não críticas, ou seja, a escola prepara os alunos para o desempenho de papéis pré definidos socialmente. Já as pedagogias progressistas são teorias críticas, que entendem a educação como um processo sócio-político.

Ou seja, cada vez mais a escola tem desempenhado um papel com fim social. Tudo isso tem influência de grandes nomes das teorias da educação. Alguns especialistas contribuíram para o desenvolvimento da pedagogia que temos hoje, como por exemplo: Burrhus Frederic Skinner; Jerome Bruner; David Ausubel; Jean Piaget; Paulo Freire.

O Skinner (1904-1990) na sua teoria da aprendizagem, psicólogo behaviorista, inventor e filósofo norte-americano, afirma que o ser humano resulta de uma série de combinações, dentre elas, combinação da herança genética e das experiências adquiridas ao longo da vida. Para ele, o que mais contribui para a educação não são os estímulos que são feitos no processo de aprendizagem, mas, sim, os estímulos que reforçam este processo. Ou seja, a memorização é entendida como essencial nesta teoria da educação.

Já Brunner (1915-2016) vai falar sobre a Teoria do Construtivismo, também psicólogo e professor norte americano, que é ligada ao desenvolvimento da criança, onde o processo da descoberta é o foco da aprendizagem. Ou seja, o aluno não é apenas um espectador passivo, mas sim, possui uma participação ativa. Todo este processo acontece por meio de desafios que impulsionam o interesse do aluno pela aprendizagem.

Agora vamos chegar a uma teoria que é muito querida aqui na FOA pelos nossos alunos, principalmente aqueles que estão fazendo as suas dissertações de mestrado, que é a Teoria da aprendizagem significativa de Ausubel (1918-2008). Eu como faço parte do grupo que faz as revisões dessas dissertações, tenho visto constantemente o uso da aprendizagem significativa nesses mestrados. Ele é um psicólogo da educação e acredita que a aquisição e retenção de conhecimentos seja feita de forma significativa pelo indivíduo. Ou seja, o professor deve apresentar sentido na hora de passar o conteúdo ao aluno. Dessa forma, o processo de aprendizagem se torna mais eficaz, poupando tempo e otimizando recursos. Quando o aluno consegue ver o sentido prático naquilo que ele está aprendendo, a memorização é inevitável.

E as Teorias da Educação Construtivista de Piaget (1896-1980) Um suíço, biólogo, psicólogo e epistemólogo, o qual eu tive a grata e o privilégio imenso de assistir uma de suas conferências na Suíça, nos idos de 1967/68, ele nos dá o conceito de estrutura cognitiva. São exploradas quatro estruturas do cognitivo primário: senso motora, pré operações, operações concretas e operações formais. O papel do professor no desenvolvimento dessas estruturas é de facilitador do conhecimento, dessa forma, a criança deve ter todo o suporte necessário para experimentar e adquirir conhecimentos sem interferências externas.

E como dizem os ingleses “at least but not at last”, o nosso querido Paulo Freire (1921-1997). Nosso pernambucano, da Pedagogia da Autonomia, nosso educador e filósofo, que em seu livro “Pedagogia do Oprimido”, explica a pedagogia da liberdade e a critica o ensino tradicional. Nesta teoria, o foco principal é que os conhecimentos sejam compartilhados de forma mútua. Ou seja, professores e alunos aprendem uns com os outros. O professor então, deixa de ser apenas o detentor e passa a ser mediador do conhecimento, possibilitando que o aluno faça suas próprias análises e conclusões.

Em uma época em que há tanta abundância de informação, é impensável a ideia de que o estudante chegue em sala de aula vazio. Ele também traz conhecimento, então tem a necessidade de interagir, agregar, fazer parte do processo.

Para se fazer um ensino aderente à educação do século XXI, é importante o entendimento de que o aluno de hoje não se conforma em apenas absorver conteúdo, ele também quer alocá-lo para fora. É uma grande mudança de mentalidade em relação à forma de se ensinar de outros tempos, mas a capacidade de adaptação é a chave do nosso sucesso.

Por que uma educação para a diversidade?

Anuncia-se o assunto central, bastante atual e polêmico, porém ainda pouco conhecido, em seus vários aspectos: a questão da “diversidade” na educação.

Por que se fala tanto de “diversidade”, “pluralidade” e “inclusão”, nos dias atuais? Será que esse tema se refere apenas à educação de alunos com necessidades especiais, como muitos pensam? Não é apenas um modismo na educação? Por que somente agora se dá importância à “diversidade”, se a humanidade sempre teve uma pluralidade cultural?

Justamente sobre essas questões é que vamos tratar nesse semestre em nossos podcasts.

Realmente a humanidade foi sempre muito diversa, porém a percepção sobre humanidade nem sempre foi assim.

Antes do processo de globalização dos meios de comunicação, havia uma representação de humanidade bastante homogênea e definida, construída

ideologicamente no processo histórico ocidental. E tudo aquilo que fugia de determinados padrões de imagens, comportamentos e expressões culturais eram considerados “desvios” da norma e, portanto, como algo diferente, estranho e reprovável.

Daí a origem de muitos preconceitos.

Desde a segunda metade do século XX, a tela da televisão vem mostrando uma grande pluralidade de pensamentos e expressões humanas. Fomos descobrindo as características de novas culturas, religiões, costumes alimentares, formas de relacionamento amoroso e novos tipos de grupos familiares. Das grandes cidades do mundo nos vem imagens de convivência e confronto entre etnias diversas e desfilam diante de nossos olhos arregalados diferentes identidades corporais, resistindo ao esforço de padronização da beleza.

A educação centrada apenas no respeito e boa convivência com o semelhante e a nós mesmos, ou seja, centrada na “identidade” soa cada vez mais estranha num mundo em que nosso próximo é, muitas vezes, diferente de nós.

O mundo globalizado pelos meios de comunicação exige, hoje, que estejamos preparados para a convivência na diversidade, isto é, para o diálogo não apenas com os semelhantes, mas também com quem pensa e age de maneira diferente de nós.

A educação de valores na cultura da diversidade é bem mais complexa do que aquela fundada numa visão homogênea do mundo. O próprio conceito de convivência na diversidade tem sentidos diferentes ideológicos e exigem conhecimento e posicionamento do educador consciente.

Nosso desafio de convivência na diversidade é bem diferente daquele ensinado na educação tradicional, pela história do patinho feio. Aceitamos que não era um patinho feio e sim um belo cisne.

Porém, aceitamos com uma condição: que ele vá morar lá longe, em outro lago, com os cisnes...

Uma das características que os humanos adquirem pela educação – e que, portanto os animais não têm – é a individualidade, ou seja, a capacidade de pensar e viver de modo diferente uns dos outros. Enquanto cada espécie

de animal tem comportamentos muito parecidos, nós valorizamos nossa identidade pessoal e de grupo, amamos a liberdade e nos sentimos muito infelizes quando nos impedem de expressar nossos sentimentos e ideias. São valores profundamente humanos.

A educação na diversidade está preocupada com esses valores, isto é, com a relação respeitosa e solidária entre pessoas, chamando a atenção em especial, para o exercício da convivência com as diferenças. Em outras palavras, educar na diversidade é ensinar e aprender junto com os alunos a conviver com pessoas, destacando nossas diferenças físicas, sociais e culturais.

PRIMEIRO APARTE

Daniele do Val

Cecília traz para nós um panorama muito denso, apesar de resumido, desse histórico ao acesso à Educação. Mostrando o quanto que a educação, aos poucos, se abre. O quanto ela vai se democratizando ao longo da história. E aí se pode dizer que, se formos pensar um marco temporal, é no final do século XX e início do século XXI, que temos as políticas que afirmam a educação a partir dessa concepção. Dela ser ampliada, dela ser libertadora, emancipadora. É interessante se pensar também pela Lei das Diretrizes e Bases da Educação o Ensino Superior não é obrigatório ser oferecido de forma pública. Mas no ensino superior, se rebate, se reflete todos os avanços da educação. Então, se não é uma obrigação do Estado ofertar o nível superior, apesar de ele ofertar isso não é obrigatório, tem-se aí um conjunto de leis e diretrizes, que buscam trazer para o nível superior, toda essa concepção de democracia, de democratização do ensino. De igual forma também se pode pensar que isso é reflexo dos anseios sociais, e é assim que a gente avança, é assim que a gente consolida uma concepção mais progressista da educação. Antes de passar a palavra para a professora Graça e para o professor Ailton, queria reiterar aqui que quando se pensa a inclusão na educação isso é um avanço, até porque, se a gente tinha, como a professora Cecília traz a educação restrita a algumas classes, hoje se consegue reconhecer também a potencialidade daqueles que, historicamente, foram estigmatizados como incapazes, porque não correspondiam a esse padrão corpóreo normativo, cognitivo, intelectual, mas que hoje se percebe, se reconhece, o quanto eles também podem

contribuir para a educação. Não só para absorver conhecimento, mas também para produzir conhecimento. Quando se fala de educação hoje, a gente identifica os seus avanços, tanto na sua concepção, ou seja, que a educação precisa ser para todos, mas também no desenvolvimento de recursos que possibilitam, não só a ampliação do conhecimento, mas a otimização no tempo de apreensão desse conhecimento. Dessa forma se tem a criação de vários recursos, ferramentas, professora Cecília sinalizou aqui o exemplo da Inteligência Artificial – IA – é que vão valorizar o conhecimento e possibilitar que todos possam, com ele, a partir dessas ferramentas, partilhar e produzir esse conhecimento e ter ali potencializado o saber que cada um nos traz.

Queria passar a palavra à professora Graça, após essas considerações maravilhosas que a professora Cecília trouxe, para a Graça poder falar um pouco de como o UniFOA foi já há mais de uma década se organizando para poder oferecer aos seus alunos o ensino que pudesse ser inclusivo. A professora Graça vai falar do CAIP – Centro de Aprendizagem e Inovação Pedagógica, e depois do compartilhar das informações e considerações da professora Graça, passamos para o professor Ailton.

1.3 O ensino inclusivo no UniFOA por meio do CAIP – Centro de Aprendizagem e Inovação Pedagógica

Maria das Graças da Silva Lima

Bom dia! Quero agradecer a oportunidade de estar aqui conversando com vocês, o convite que também agradeço, para falar de um tema tão importante que é falar um pouco sobre a inclusão. Esse tema é fundamental nos dias de hoje. Para que se possa pensar numa sociedade mais justa, mais equânime, a gente precisa falar de diversidade e de inclusão.

E eu vou falar um pouco da nossa experiência aqui, no UniFOA, que tem uma missão de garantir que todos os estudantes, independente de suas condições, tenham acesso pleno ao conhecimento, e às oportunidades oferecidas pelo ensino superior. Para isso, o UniFOA acredita que a inclusão vai muito além de acolher somente esse acesso. Ele trabalha para que os alunos tenham também a permanência. E como isso é feito? Como é feito esse processo?

Ele envolve não apenas somente a adequação de locais, com eliminação de barreiras, mas também com a adequação das metodologias, dos processos de ensino/aprendizagem, e para isso não é medido esforços. É pensado na formação contínua dos professores, dos colaboradores. Onde além disso tudo a criação de um ambiente acessível e acolhedor para todos.

Eu sou pedagoga, responsável pelo Centro de Aprendizagem e Inovação Pedagógica, hoje, mas anteriormente, esse setor recebia o nome de SPI – Setor Pedagógico Institucional. E o CAIP – comumente dito, trabalha em duas frentes. Dentro do CAIP temos dois núcleos: núcleo de apoio ao estudante e o núcleo de apoio ao professor. E este Centro de Aprendizagem e Inovação Pedagógica é um órgão subordinado à pró reitoria acadêmica e ele faz todo o supervisionamento do processo ensino/aprendizagem. Apoiando tanto as ações discentes, quanto as ações dos docentes; e nos diversos eixos pedagógicos. Dentro da inclusão ele vai propor as adequações essenciais dentro do desenvolvimento do ensino, dentro da pesquisa, na extensão, conforme as diretrizes emanadas pelo Ministério da Educação e Cultura – MEC.

Esse setor, o CAIP, conta com uma equipe de profissionais, uma equipe multiprofissional, composta por pedagogos, psicopedagogos e psicólogos. Para isso são desenvolvidos, dentro do CAIP, diversos programas e projetos. E esses projetos visam o atendimento do aluno no seu todo. Cada um com as suas particularidades, especificidades, independente de deficiência ou não, todos os alunos, porque a gente acredita que a inclusão plena é uma educação que alcance a todos, independente da sua singularidades.

E esse trabalho vem sendo feito desde meados de 2010, onde percorremos esse caminho. O UniFOA tem uma proposta inclusiva, tem esse olhar às pessoas, porque quando a gente pensa em inclusão, a gente trabalha com e para as pessoas. Então, pensar nas pessoas, olhar o outro com respeito e empatia, pensar nesse outro e viabilizar meios de acesso ao conhecimento.

Como pode ser feito esse processo? Como eu posso auxiliar esse estudante na sua trajetória acadêmica fazendo com que os desafios sejam superados e que as coisas transcorram de forma que ele possa atingir os objetivos empreendidos por ele. Então, o CAIP, nesse sentido, vem ser esse

parceiro, tanto desse estudante, como desse professor e de toda a comunidade acadêmica.

Mas nós enfrentamos vários desafios. As coisas não são fáceis, mas elas são possíveis. A partir do momento em que você se predispõe, você se abre, e que você quer buscar algo diferenciado para o atendimento ao outro em suas necessidades, tudo se torna mais possível. Então, estamos ali ao lado do professor, ao lado do estudante, para dizer para ele: "vamos tentar, vamos por esse caminho, vamos buscar caminhos acessíveis".

Dentro de todo esse contexto, o CAIP, aqui no UniFOA, tem sido uma peça fundamental. Tem se destacado desde a sua concepção, como foi dito, porque tem mostrado um diferencial; os alunos têm procurado o setor, os alunos mencionam que no ensino superior que eles ficam encantados mesmo, sentindo respeitados pelo trabalho que é executado. E é um trabalho que visa a pessoa.

Para todo esse trabalho temos um fluxo de acessibilidade. O que quer dizer isso? Como isso acontece? Bem, esse aluno, desde a sua matrícula, ele já é acolhido pela instituição. Então, durante a matrícula, esse aluno pode declarar uma deficiência ou uma necessidade específica, ou também uma alteração de saúde, o que ele declarar, automaticamente essa informação chega até o setor e nós fazemos um contato com esse estudante. Até para entender as suas demandas, para entender as suas necessidades, para tentar junto com ele traçar os caminhos acessíveis. E durante essa conversa com esse estudante, que é feita prioritariamente juntamente com o coordenador de curso, nós ouvimos, é um momento de escuta, um momento de acolhimento, é um momento onde esse aluno pauta aquilo que ele precisa. Porque até então ele já teve uma trajetória acadêmica e ele chegou aqui na instituição e ele vai nos falar que ele é o autor, que ele é alvo principal de todo o processo, o que ele precisa. E nesse momento, de acordo com o que o aluno demanda das suas especificidades, das suas necessidades, é feito uma acolhida e um ajuste para que se veja o que é possível e o que não é possível, mas procurando algum caminho dentro das principais temáticas que ele traz, dentro das abordagens. E ali é traçado um plano de ação juntamente o CAIP e o coordenador, e que depois ele conversa com os professores, juntamente com o CAIP, que presta assessoria ao curso, conversando com os professores, na formação desse professor, na capacitação, e a gente busca atender esses alunos nessas demandas.

E como esse aluno pode ser atendido pelo setor? Em um acompanhamento de prova, que muitas vezes ele pode dizer que precisa de um local para fazer uma prova, de alguém que precise de um apoio de um local separado de maior tempo de prova, então o CAIP entra nessa intervenção, com essa estruturação no dia da prova no local personalizado para que esse aluno possa ser atendido nas suas necessidades. Também, de acordo com a situação, é visto a disponibilização de software, ferramentas necessárias que são implantadas nos diversos computadores do UniFOA. Se esse aluno precisar de acessar alguma dessas ferramentas em sala de aula, vai-se criar um meio de disponibilizar essa ação. Ledor, muitas vezes a gente atende alunos que precisam de ledor. Porque o UniFOA pensa não somente na pessoa com deficiência, vai além da pessoa com deficiência, pensa em todos. É inclusão plena. Por exemplo: um aluno com dislexia, que precisa de um ledor, a gente disponibiliza uma pessoa que possa ler esse texto, de acordo com a necessidade. Nem todo dislético tem essa necessidade, por isso que eu falo que é muito específico, depende dessa escuta. É disponibilizado um ledor, um transcritor, de acordo com a situação. Às vezes temos casos de mobilidade reduzida e é preciso de alguém para transcrever a avaliação ou a atividade. Disponibilizamos também intérprete, pois acreditamos que é necessário. Para isso nós temos, dentro da instituição, intérprete que faz esse acompanhamento. E além dessas ferramentas temos também uma impressora em braile, que produz materiais para os alunos que são deficientes visuais e que necessitam desse material adaptado, que facilita para a compreensão e a análise de todo o processo acadêmico. E além de termos um espaço que chamamos de sala de autorregulação, para que as pessoas com autismo possam ter um momento de se autorregular, um momento mais calmo, esse espaço que ele já conhece e já procura esse espaço e fica ali uns 10 a 15 minutos, tempo que precisa para se autorregular, para que possa retomar suas atividades acadêmicas.

Tudo isso é muito desafiador. Não posso dizer que foi fácil encontrar esse caminho, mas ele é possível. Essa busca, esse querer fazer, ter essa preocupação de atender o outro nas suas especificidades, é o que nos torna diferentes, especiais e que nos faz pensar nesse estudante protagonista, que precisa do seu espaço e que seus direitos sejam respeitados.

Mas além dos desafios, temos muitas conquistas. Temos relatos de vários estudantes que nos procuram e colocam o quanto, no ensino superior onde ele

temia por não achar esse espaço, para não ser acolhido nas suas diversidades e singularidades, ele encontra esse espaço aqui dentro do UniFOA. E eu fico satisfeita e muito feliz em poder contribuir com a educação, com pessoas, e dentro do meu ambiente fazer a diferença da forma que é possível.

Os impactos têm sido positivos. Temos muito ainda a caminhar e avançar, no sentido da inclusão, no sentido de conviver com as diferenças, no sentido de respeitar os direitos, mas se têm feito. Aquilo que chega à nossa instituição, eu tenho reparado esse movimento de acolhimento, de empatia e de escuta, e isso é muito importante porque faz com que as pessoas se sintam respeitadas e valorizadas. E principalmente, esse acesso ao conhecimento, essa democratização da educação, que possam acontecer. Que todos tenham esse acesso ao conhecimento.

SEGUNDO APARTE

Daniele do Val

Graça, muito obrigada por nos possibilitar conhecer um pouquinho mais do CAIP, do trabalho que o UniFOA vem desenvolvendo nesta perspectiva da educação inclusiva. Queria destacar o quanto que é importante, eu falei no início, você traz isso e eu pela terceira vez quero também afirmar o quanto é importante se entender a inclusão nessa perspectiva do acesso da permanência e da formação. Incluir não é só possibilitar acesso, incluir é possibilitar que esse aluno se mantenha e que esse aluno se forme. Isso é fundamental. E se percebe, com a apresentação do CAIP, quanto a possibilidade da educação inclusiva nesta instituição de ensino prevê realmente uma ambiência que possa ser, não só acessível, na perspectiva da quebra das barreiras físicas e arquitetônicas, mas em especial, uma quebra das barreiras com relação às práticas pedagógicas que possam engessar os processos de conhecimento e assim, excluir, ao invés de incluir. É muito importante dar destaque a isso. E o trabalho que o CAIP vem desenvolvendo vai se propor a esse pensar e à essa execução de estratégias, que efetivamente, formem os alunos, com respeito, com acolhimento às suas demandas, e principalmente, com incentivo à continuidade deles nesse processo de maturação acadêmica. E o quanto que o UniFOA vem conseguindo ofertar as ferramentas e os recursos necessários para que esse acesso seja possibi-

litado e essa apreensão do conhecimento seja de fato também possibilitada. Obrigada, Graça pelas suas considerações e pelo seu trabalho.

E passo agora a palavra para o professor Ailton que vai falar sobre uma outra frente importante que o UniFOA traz, que é o do acolhimento e a atenção à saúde mental dos estudantes.

1.4 Programa de Saúde Integral: estratégias de inclusão e acessibilidade do UniFOA

Ailton da Silva Carvalho

Obrigado mais uma vez pelo convite. E eu digo que é muito prazer mesmo estar aqui com vocês, Dani e Cecília, com você Graça, porque a gente alcança aqui com essa conversa muitas pessoas que terão os seus direitos garantidos aqui dentro do UniFOA e terão a possibilidade de ter clareza sobre o que estamos pensando como estratégias de inclusão e acessibilidade. Eu acho a oportunidade fabulosa para quem pode nos ouvir nesse momento.

O Programa Saúde Integral nesse movimento da presidência e da reitoria do UniFOA, com essa preocupação de inclusão e acessibilidade. E isso é sensacional, porque a gente sai na frente com um programa voltado, não só para questões de atendimento e acompanhamento de alunos voltados para a saúde mental, mas o nome já traz essa importância, que não é um programa de saúde mental, é um programa de saúde integral. Porque lá, se tem a preocupação de pensar esse indivíduo em sua totalidade. Compreende-se que a saúde mental é um aspecto a ser acompanhado, mas se tem a preocupação de olhar para ele em sua totalidade, em sua necessidade. Até porque, dessa forma a gente pode oportunizar para ele não só aqui dentro de todos os recursos que a gente tem, mas pensar para fora da instituição a possibilidade de acompanhamentos e de acesso à políticas públicas, sociais, de recursos que ele possa desconhecer.

O Programa Saúde Integral surge, a partir da preocupação da presidência da FOA/UniFOA juntamente com a reitoria. Eles convidam um grupo de profissionais, de professores da área de saúde, para que pensem um projeto e que possam apresentar para a presidência e para a reitoria esse projeto dessa importância de ter um trabalho voltado para essa totalidade, olhando para os alunos.

Eu estou no programa desde a formação dessa equipe, do pensamento do projeto. Senta-se e escreve-se um projeto, pensa essa estrutura, apresenta-se o projeto e ele vai de encontro ao desejo da presidência e da reitoria. Então se constrói uma equipe dentro do SUS, que é uma equipe interprofissional, com saberes múltiplos, constituída de psicólogos, assistente social, enfermeiro, nutricionista e médico psiquiatra. Todos voltados para questões relacionadas a sofrimento de saúde mental. A nutrição não vai trabalhar com estética, ela vai trabalhar a partir de transtornos alimentares. A psiquiatria com suporte medicamentoso e a psicologia com acompanhamento permanente. Eu, como assistente social e a enfermagem, ficamos numa porta de entrada, de um acolhimento inicial, entendendo a importância de ouvir esses alunos, para entender as suas necessidades e a partir daí a gente poder encaminhar, não só aqui dentro do campus universitário, mas pensar as estratégias para fora de políticas sociais e públicas que ele venha a necessitar.

É um acolhimento muito humanizado, ouvindo a necessidade dele, o tempo dele, um horário flexível. Pensou-se em ter um atendimento voltado mesmo para o final da tarde início da noite, para que se possa pegar os alunos chegando e saindo. No momento em que ele esteja no campus, ele possa agendar conforme sua necessidade. E é muito fácil de agendamento. Ele vai na aba do aluno, dentro do site, onde vai ter saúde integral, ele preenche seus dados, que vão direto para o sistema da nossa recepção, e ela entra em contato agendando, pelo WhatsApp, e acompanhando-o, já naquele momento, para que ele possa acessar.

O Saúde Integral fica no anexo da Policlínica, aqui dentro do campus do UniFOA e está voltado, inicialmente, para o atendimento de alunos. Mas tem-se pensado em estratégias de suporte para funcionários e alcançar, também, o corpo docente. Tem-se pensado na ampliação dessa equipe para que a gente possa prestar esse suporte. É importante dizer, porque todos são professores, que a gente em algum momento encontra com esses alunos pelo campus, encontra em sala de aula, que se mantém o sigilo e o anonimato, prevê isso de forma muito considerável, para que o aluno possa se sentir mesmo acolhido em suas necessidades e protegido no sigilo.

É importante também dizer que estamos completando, agora em agosto, um ano de existência, com um sucesso muito grande, os alunos aderiram muito. Temos uma fila de espera, porque também se tem um problema grande

ainda. Somos recém criados e ainda se está na perspectiva de ir formatando, adequando o programa, para que se possa atender muito mais, e dar suporte muito mais aos alunos. Os alunos ainda agendam e não comparecem, ou confirmam que irão e não vêm, e isso é um problema ainda para nós. Vou deixar aqui um alerta para os alunos que agendam e que não têm a possibilidade, que possam desmarcar, porque existem outros alunos necessitando desse suporte, e isso impossibilita, porque ficamos lá aguardando e ele não comparece.

Outra coisa importante que se está implementando, nesse momento de um ano, são as Práticas Integrativas do SUS, que estamos trazendo para aqui. Já temos, todas as terças-feiras, de 17h às 19h atendimento de Reiki, e vamos trazer outras práticas de meditação, de óleo terapia, de várias possibilidades que o SUS abraça, para que a gente possa então ofertar e ter um olhar holístico, entendendo que não somos só saúde mental e que o SUS também prevê isso. A saúde mental não está voltada só para a medicalização. Não é buscar uma receita, é ter um acompanhamento de profissionais especializados, para que você possa falar de você e ser entendido, ser incluído para dentro. É o que eu sempre digo para os alunos quando termina o acolhimento: o que se deseja é que você tenha um espaço aberto de fala e de compreensão aqui com a gente, para que lá fora, na sala de aula, você possa estudar com tranquilidade; para que você possa se desenvolver aqui dentro com segurança, tendo alternativas de acolhimento e que a gente sempre vai estar presente.

A metodologia é toda voltada mesmo para isso. E assim como a professora Cecília citou Paulo Freire, eu acho que ele está muito presente dentro do programa, mesmo sendo de saúde, mas dentro de uma universidade, quando Paulo Freire diz “que a boniteza não está no achado, mas sim no trajeto que a gente faz”. O que a gente quer é que esse aluno encontre essa boniteza e essa tranquilidade de estudar com tranquilidade e ao final e no trajeto ele encontre essa boniteza e que ele se sinta seguro, adequado, incluído, com acessibilidade em todos os aspectos que a gente tem aqui.

Eu, representando toda a minha equipe do Saúde Integral, deixo aqui a nossa satisfação de estar compondo esta equipe, tão importante para a tranquilidade desses alunos. E os professores, que identificarem dentro de suas salas de aula os alunos que estão com questões relacionadas à saúde mental, aquele aluno que está mais calado, aquele que busca conversar mais com o

professor, ele não precisa ficar preocupado em dar respostas. Ele pode nos encaminhar, porque existe dentro do campus um programa específico para esta função. Professor também, a porta lá está aberta para que ele possa dividir as suas questões com seus alunos, para que se possa dar andamento para essa tranquilidade de poder estudar em tranquilidade.

Quero agradecer mais uma vez essa importância de estar na presença de vocês e estar falando sobre um trabalho tão importante do UniFOA. Um abraço e até a próxima.

TERCEIRO APARTE

Daniele do Val

Ailton, obrigada por compartilhar um pouquinho dessa experiência tão interessante e importante que é o Programa de Saúde Integral. Queria destacar que quando você traz essa reflexão, que apesar do trabalho que vocês desenvolvem estar nessa perspectiva da saúde mental, ele é, na verdade, um programa de saúde integral. Porque a nossa saúde mental é constituída por um conjunto de aspectos que a gente vive nessa nossa sociabilidade cotidiana. Não é para nós fragmentarmos os saberes para respondermos a essa demanda que é tão complexa. E tem um outro ponto que você traz que é fundamental, que você tem uma equipe que é multifuncional, uma equipe constituída por diferentes profissionais, mas a ação de vocês é inter. Você não tem apenas uma equipe multifuncional, você tem uma ação interdisciplinar. A própria equipe aprende nessa troca coletiva. E assim se consegue imprimir qualidade, porque se consegue perceber uma série de perspectivas que podemos traduzir isso num atendimento mais adequado ao aluno. E quando você fala na possibilidade de não só oferecer a tranquilidade necessária para o aluno se formar, estudar, você está falando dessa dinamização do acesso à educação, do direito dele de estudar, se formar. Mas você traz também essa reflexão sobre essa importância de dinamizar e possibilitar para que ele também tenha uma interação social saudável. Saudável nessa perspectiva de acessar os seus direitos, os serviços, de ter relações que possam lhe trazer o desenvolvimento, o crescimento, tanto na sua família, na sua comunidade, dentro do contexto educacional, muitos nos seus contextos religiosos. É mais um serviço que o UniFOA apresenta, estando aten-

to às necessidades do corpo discente. É importante se ter esse reconhecimento e essas possibilidades do acesso da permanência da formação do aluno. Fico muito feliz de estarmos aqui hoje oportunizando reflexões que podem fortalecer, consolidar todas essas estratégias que estão sendo pensadas.

Queria passar a palavra para a professora Cecilia para que ela traga mais algumas considerações a partir do que os nossos colaboradores trouxeram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Maria Cecilia Gama

Só tenho muito orgulho de pertencer ao UniFOA, porque cada vez que se escuta um profissional do UniFOA falar sobre o que faz, a primeira coisa que a gente vê é a felicidade e a satisfação com que ele faz isso. Nessa parte que eu sou Institucional, eu vejo com muito orgulho os nossos professores sendo colocados em situações extremas, porque são situações extremas cada vez que você tem que abrir mão de alguma situação sua, que é estar dentro de um conforto, aquela situação que chamamos confortável, para poder se abrir diante de uma sociedade aonde a multiplicidade, a diversidade, a inclusão, se faz tão necessária nesse momento. Quando o aluno chega no CAIP e tem a coordenação da Graça e é como ela diz passa a catraca eletrônica, mas quem está passando ali é um ser humano, e que ele chega ali e coloca para você as suas necessidades, eu sei disso porque tenho um neto disléxico, e que teve algumas dificuldades em ser aceito e minha filha teve que debater bastante, até que chegou um momento que ele mesmo desistiu: não, eu vou fazer exatamente como todos, porque estava se tornando uma coisa mais difícil, uma coisa mais estigmatizada. Então, quando vocês colocam isso de uma forma leve, suave, e que o aluno sabe que vai ser igual ali, embora tenha essa diferença, - não somos iguais, somos diferentes todos, - mas cada um com a sua diferença e que essa diferença vai ser respeitada, para que ele se torne igual, naquele momento, aos seus colegas, isso é de uma grandeza sem fim. Então, a gente só fica muito orgulhosa de pertencer a uma instituição que tenha esse olhar. Que enxergue o ser humano como ser humano. E que enxergue o outro como semelhante. E quando o Ailton nos fala a respeito dessa saúde mental como uma saúde integral, sabemos que pós pandemia essa situação piorou de uma forma absurda. A

gente achou que o ser humano seria mais empático, seria mais acolhedor, seria menos egoísta, e foi exatamente o contrário. As pessoas se colocaram dentro de seus mundinhos e o resto que se exploda, desde que meu mundo esteja bom. Mas não é assim que funciona no dia a dia. Aquele aluno que chega com algum probleminha, aquilo pode se agravar absurdamente por um bullying, ou por uma ação mesmo dele por instabilidade emocional, se ele consegue chegar no início e ter esse acolhimento pelos profissionais de saúde que estão ali se doando para isso, então meninos, por favor, marquem e compareçam! Não façam isso com os nossos professores, porque eles estão se doando. Da mesma forma que vocês estão necessitando do trabalho deles eles estão se doando. Você talvez deixe de ir, “estou com uma preguiça danada, marquei, mas não vou”. Não faça isso não, porque vai ter gente impossibilitada de lá chegar por algum motivo mais sério, aquela pessoa precisa atingir aquele acolhimento e os professores que estão ali também estão deixando de fazer alguma coisa, que talvez naquele momento para eles fosse bacana fazer. Por favor, pensem uns nos outros. Todas as vezes que vocês forem atrás de um acolhimento também sejam aptos e abertos a esse acolhimento. Só tenho a agradecer ao Ailton e à Graça e principalmente à Daniele que sempre traz esses assuntos formidáveis para a gente poder discutir, e às vezes a gente se peleia um pouco, porque há uma diferença de área para a gente poder trabalhar, mas sempre é muito bem-vindo essa parte da educação que fazemos aqui no UniFOA. É o nosso diferencial, é o pertencimento. Todos nós pertencemos ao mesmo momento e à mesma universidade, o mesmo campus, e ao mesmo planeta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Daniele do Val

Gostaria de finalizar esse nosso momento de hoje agradecendo à Graça, ao Ailton, à companheira Cecília, e ao Renato, que está sempre aqui nos acolhendo e permitindo que a gente possa desenvolver o nosso trabalho de uma forma sempre muito bacana. Fechamos o momento de hoje reiterando o compromisso de uma educação para todas as pessoas.

2 EXPERIÊNCIAS COM A EDUCAÇÃO NO UniFOA: A VOZ DOS DISCENTES

INTRODUÇÃO

Com um bom dia a todas as pessoas que nos ouvem, nos reencontramos hoje para o segundo podcast do ciclo: Inclusão e Diversidade – Educação para todas as pessoas, um projeto do Escritório da Cidadania em Movimento. Além da presença da minha parceira de sempre a professora Maria Cecília Gama, temos aqui conosco hoje alguns alunos do UniFOA, que carinhosamente se disponibilizaram a dar seus depoimentos sobre as suas experiências com a Educação Inclusiva no UniFOA. Eduardo, Ana Caroline e Franciane, desde já agradecemos por estarem aqui com a gente neste momento. Vale resgatar, que no primeiro podcast falamos sobre o que é a educação inclusiva, como ela é pensada e desenvolvida como política no Brasil, e de que forma os diferentes níveis de ensino precisam se adaptar para a sua consolidação. Trouxemos a experiência do UniFOA na organização dos serviços e projetos acadêmicos que acolhem e fomentam uma formação discente compromissada, com a cidadania, com respeito à diversidade, pelos direitos humanos, situando-a num debate, primorosamente contextualizado pela professora Maria Cecília, sobre a História da Educação e sua importância para uma formação humana emancipadora.

2.1 Dois momentos: o Setembro Amarelo e Experiências com relação à diversidade e à inclusão

Daniele Ribeiro do Val de Oliveira Lima Santa Bárbara

Hoje, teremos nosso podcast desenvolvido em dois momentos. Primeiramente, em alusão ao Setembro Amarelo a professora Maria Cecília fomentará um importante processo reflexivo sobre a importância da saúde mental das pessoas, a partir de um resgate histórico e teórico acerca do suicídio, nos trazendo um panorama de comportamentos adoecidos, que podem ser gerados pela própria sociabilidade contemporânea, que afeta muitas pessoas de diferentes idades. Como a competitividade, as comparações, as pressões sociais, o bullying, a ansiedade, o estresse, enfim, experiências que podem

impactar negativamente na saúde mental das pessoas, contribuindo para um estado emocional mais vulnerável com desesperança e isolamento.

O Setembro Amarelo é uma campanha pela valorização da vida e visa aumentar essa conscientização e reduzir o estigma em torno dos transtornos mentais, das crises emocionais, dos sofrimentos psíquicos, para incentivar as pessoas a buscarem ajuda quando necessário; ter diálogo aberto sobre sua saúde mental e acreditar que podem encontrar ambientes de apoio e compreensão.

Sabe, Cecília, o Setembro Amarelo é um marco. Um marco para uma sociedade que precisa cada vez mais evidenciar seus desafios e os seus avanços na proteção à saúde, à sociabilidade, à educação e a conscientização de seus cidadãos.

Lembra que comentamos no podcast anterior sobre como a sociabilidade contemporânea ainda teima a nos impor padrões, a fomentar competitividades desleais, com a reprodução dos estigmas, preconceitos, com as comparações; pela busca de um estado desmedido, muitas vezes ilusório, porque que afeta diretamente a saúde mental das pessoas. Precisamos falar sobre isso. Precisamos enfrentar isso. E aqui estamos hoje fazendo a nossa parte, provocando reflexões e contribuindo com informações e orientações.

Também comentamos no podcast anterior sobre o respeito à diversidade. Pois só assim será possível, no contexto da possibilidade de sua compreensão defendê-la, pois você defende algo a medida em compreende o seu significado e a sua importância.

Hoje complementamos essa reflexão dizendo que para consolidar essa compreensão sobre a importância do respeito à diversidade, somente quando ouvimos, conhecemos histórias que expressam o quanto existe de potência na diversidade é que podemos, efetivamente, respeitá-la.

E as instituições de ensino têm um protagonismo importante nisso. Como espaços de formação profissional e humana, podem e devem colaborar com esclarecimentos, orientações e apoio aos discentes. Por isso, no segundo momento do nosso podcast, iremos justamente dar destaque às potências individuais, que podem ser incentivadas quando a sociedade se prepara para a diversidade. Em particular, quando a educação se apresenta de fato para todas

as pessoas. Neste momento, compartilharemos experiências de alguns alunos do UniFOA, os serviços que eles acessam e que contribuem com a sua formação educacional e profissional na perspectiva da educação inclusiva.

Nossos depoentes terão a oportunidade de mostrar com suas histórias o quanto juntos podemos enfrentar e superar desafios. E quando me refiro a juntos, me refiro ao estado, à sociedade, às famílias, às instituições. Me refiro a todas as pessoas que reconhecem na cidadania a condição efetiva da existência humana.

Vamos conhecer o Eduardo, que tem autismo e cursa o terceiro período do curso de medicina; a Ana Carolina, que está no sétimo período do curso de design e tem TDH e a Franciane, aluno do curso de serviço social, do oitavo período e que tem TDH e dislexia. Teremos a oportunidade de, com exemplos concretos, defender o quanto o suporte institucional, o respeito, a solidariedade, e a comunicação aberta são ferramentas poderosas para fazer a diferença, valorizando as potências e as eficiências de cada um.

Sem mais delongas, vou passar a palavra para a professora Maria Cecilia, minha parceira, para que ela possa falar um pouco sobre o Setembro Amarelo

2.2 Reflexão sobre a saúde mental e resgate histórico e teórico acerca do suicídio – Setembro Amarelo

Maria Cecilia Fontainha de Almeida Gama

Bom dia! Bom dia a todos. Principalmente, bom dia, Daniele. Bom dia queridos alunos, Eduardo, Ana Carolina e Franciane. Bom dia Vania. E Heitor, você hoje que está aí no comando com a gente, muito obrigada. Agradecemos sempre ao comando de vocês.

Hoje o nosso assunto é um assunto muito sério, nós estamos no mês do Setembro Amarelo.

O que vem a ser isso? É o mês dedicado à prevenção do suicídio. Trata-se de uma campanha, que teve início no Brasil em 2015, e que visa conscientizar as pessoas sobre o suicídio, bem como evitar o seu acontecimento. A origem do Setembro Amarelo e todo esse movimento de conscientização contra o suicídio

começa com a história de um aluno de 17 anos, nos Estados Unidos, chamado Mike Emme. Ele é um jovem do Colorado (EUA), conhecido por sua personalidade carinhosa e habilidade mecânica, ele tinha um Mustang 68, que era sua paixão e ele mesmo restaurou e pintou de amarelo. A cor amarela utilizada na campanha faz referência a esse jovem, que se suicidou, infelizmente, aos 17 anos de idade, no ano de 1994. Este mês tem trinta dias, Setembro, e é o nono do calendário gregoriano. Setembro vem do latim "Septem", que significa sete. E sete sabemos que é um número cabalístico, um número religioso, um número que nos promove o tempo todo muita reflexão em cima dele. Esse nome tem origem na posição que ele ocupava no antigo calendário romano, que era o sétimo mês do ano.

Algumas datas importantes nesse mês relacionadas à saúde são o Dia Mundial de Prevenção ao Suicídio, em 10 de setembro, e o Dia da Cardiologia Interventiva, em 16 de setembro. Outras datas curiosas desse mês são o Dia Internacional das Línguas Gestuais, em 23 de setembro, e o Dia Mundial do Mar, em 26 de setembro.

O Setembro Amarelo é uma oportunidade para dar o primeiro passo para garantir bem-estar aos seus trabalhadores, mas é fundamental que as ações não parem por aí e se desdobrem durante todo o ano. Saúde mental deve ser uma prioridade no ambiente de trabalho.

A data foi criada pela Associação Internacional para a Prevenção do Suicídio e endossada pela Organização Mundial da Saúde (OMS). O objetivo é chamar a atenção dos governos e da sociedade civil para a importância de falar sobre o assunto. O amarelo simboliza o sol, o verão, a prosperidade e a felicidade. É uma cor inspiradora e que desperta a criatividade.

Durante o Setembro Amarelo, a missão de todos nós é criar espaços de acolhimento e escuta, para que ninguém se sinta só, para que a ajuda chegue a quem mais precisa. Este ano a campanha tem como slogan "Você não está só".

Ao valorizar a vida, temos a capacidade de perceber que ela é única e irreversível. Sendo assim, viver bem com os seus semelhantes potencializa uma mentalidade e experiências que promovem felicidade, paz, bem-estar, saúde física e mental e, como consequência, uma excelente qualidade de vida.

"Valorização da vida" refere-se à apreciação e ao respeito pela vida humana e reconhecer que cada vida é única, preciosa e irrepetível. Cada

indivíduo é único, com suas próprias experiências, pensamentos, sentimentos e potencial.

Valorizar a vida não significa fugir da rotina ou buscar emoções extremas para sentir o seu coração bater. Significa abrir os olhos, estar atento aos detalhes e aproveitar o momento. É tomar consciência do que você é e tem para ser grato e lutar para mantê-lo.

O CVV – Centro de Valorização da Vida - foi criado em fevereiro de 1962, na cidade de São Paulo, por Jacques André Conchon, como parte da Campanha de Valorização da Vida e, que em 1965, adquiriu personalidade jurídica, tomando-se Centro. O CVV que é uma entidade nacional financeira e ideologicamente independente. É uma associação civil sem fins lucrativos, de caráter filantrópico. Expandiu seu serviço para diversas cidades brasileiras e da América Latina, sendo que, atualmente, conta com cerca de 60 postos de atendimento. Nosso atendimento é realizado pelo telefone 188 (24 horas por dia e sem custo de ligação), temos ainda chat, e-mail e pessoalmente em alguns endereços.

“Os Sete Pilares da Qualidade de Vida” são elementos do cotidiano que devem ser avaliados com cautela e, quando necessário, reformulados em sua estrutura. São eles: Alimentação, Atividade Física, Sono, Trabalho, Afetividade, Sexualidade e Lazer.

Quais são os 4 tipos de qualidade de vida?

O bem-estar físico; O bem-estar mental; O bem-estar psicológico; O bem-estar emocional.

Veja 3 dicas de como prestar o seu apoio incondicionalmente ao Setembro Amarelo:

Escute sem julgamentos. A gente tem essa tendência de quando a gente escuta alguma coisa, a gente julgar, querer dar palpite, querer ajudar, querer dar nossa opinião. Não. Lembre-se de que a outra pessoa passa por problemas, tem sentimentos e perspectivas diferentes de você. Com isso, pode-se estar interferindo achando que está fazendo um bem, e não está. Pode-se estar piorando o estado em que a pessoa se encontra. Quando se escuta sem julgamento significa que a gente sabe ouvir. Saber ouvir é muito importante. E

não pressionar a pessoa a falar. Às vezes, o simples fato de você estar do lado dela, se não é uma pessoa que goste de toque, não a toque, espere que ela seja acolhedora nesse sentido. Se você a tocar ela pode se sentir acuada. Mas o fato de você estar ali do lado, o que você passa é : eu estou aqui, você não está só.

É por aí que se começa a trabalhar esse Setembro Amarelo.

Vamos ver agora algumas síndromes que são características de nos trazer, infelizmente, no seu desfecho, quando não tratadas, quando não percebidas, ao suicídio ou à tentativa dele.

A primeira delas é a Síndrome de Burnout ou Síndrome do Esgotamento Profissional, que é um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastante, que demandam muita competitividade ou responsabilidade. A principal causa da doença é justamente o excesso de trabalho. A gente não pode só trabalhar! Lembre-se das sete coisas: : Alimentação, Atividade Física, Sono, Trabalho, Afetividade, Sexualidade e Lazer. Ninguém pode ser workaholic (viciado em trabalho) 24 horas por dia. Vai ficar tranquilamente com síndrome de Burnout. E no Brasil, infelizmente, temos um alto nível de pacientes com Burnout.

De acordo com diversos estudos realizados desde a década de 70 pela psicóloga Christina Maslach, da Universidade da Califórnia, a síndrome de burnout pode levar a sentimentos de cinismo, distanciamento e uma sensação geral de desesperança. O esgotamento também pode causar sintomas físicos, como dores de cabeça, insônia e uma sensação geral de mal-estar. Por isso, se não for controlado, o esgotamento pode gerar sérios problemas de saúde.

A Síndrome de Burnout tornou-se um grande problema em nossa sociedade, segundo informações do site Núcleo de-stress, estima-se que uma em cada três pessoas experimentará síndrome de Burnout em algum momento de suas vidas. Este é um grande problema porque o esgotamento pode levar a vários problemas de saúde graves, incluindo depressão, ansiedade, doenças cardíacas e até a morte.

A Síndrome de Burnout é um problema sério que precisa ser tratado, encontrando maneiras de reduzir o estresse e criando um estilo de vida mais equilibrado. No Brasil, por meio do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) existem algumas notificações que podem significar alguma relação com a

síndrome de Burnout, são os episódios depressivos (categoria F32 – CID10) e outros transtornos ansiosos (categoria F41 – CID10).

Outra situação que nós temos é a Inteligência emocional no trabalho. O planejamento da sua carreira não consiste apenas em encontrar o tipo de profissão que combina com você. Embora isso seja muito importante, também existem outros desafios na vida profissional. Por exemplo, a necessidade de desenvolver habilidades relevantes para o mercado de trabalho – como a inteligência emocional.

Embora seja muito comum ver o foco em competências técnicas quando se fala em carreira, as chamadas competências emocionais têm grande importância. Afinal, as empresas interessam-se em empregar pessoas que saibam atuar bem em equipe, resolver conflitos e manter-se motivados.

Mas o que é a inteligência emocional?

Inteligência não diz respeito a apenas um aspecto. Na verdade, existem diversos tipos de inteligência – como a matemática, a artística e, claro, a emocional. Muitos teóricos da Psicologia chamam atenção para a existência desses diversos tipos. Entre eles, um psicólogo chamado Daniel Goleman destaca-se quando o assunto é emoção. Ele é o principal nome envolvido nos primeiros estudos sobre as habilidades e competências emocionais. A teoria desenvolvida por ele baseia-se em cinco pilares: autoconsciência, controle emocional, automotivação, empatia e habilidades sociais.

O pilar da autoconsciência evidencia a capacidade de conhecer a si mesmo. Ou seja, identificar o que se está sentindo. Isso é o mais difícil. Sócrates já dizia que era difícil: “Conhece a ti mesmo”. Quando já se consegue entender, às vezes não se consegue entender quem se é, mas se consegue entender o que não se quer, ou o que você não gosta, já é um caminho absurdamente aberto, porque você já está no caminho da autoconsciência. Você pelo menos já sabe o que não lhe serve. Sabendo o que não lhe serve é mais fácil saber o que lhe serve. Ela tem relação direta com o segundo pilar: controle emocional – que é a competência de saber reagir às emoções, não se deixando dominar por elas. Isso evitaria, por exemplo, ataques de raiva e conflitos no trabalho. É muito difícil, também, esse segundo pilar, porque a nossa reação primeira é voar no pescoço dele, depois você acalma, pensa, não conta até dez não, conta até mil

que é mais fácil, e aí você vai raciocinar em cima. Isso é ter controle emocional. É difícil. Tem hora que escapa mesmo e não se tem, mas a gente tem que se esforçar para ter. Para poder conseguir essa identificação dentro do trabalho. Como que é prejudicial você ter, às vezes, um rompante e que pode danificar a sua carreira. Se você ficasse quietinha, pensasse, mudasse um pouco o foco da coisa, visse com um certo distanciamento filosófico, pois a filosofia nos causa esse distanciamento, você poderia, talvez, evitar esses ataques de raiva, etc...

O terceiro pilar é mais um que faz muita diferença nas experiências profissionais, é a motivação. Conseguir se manter motivado a realizar suas atividades é essencial. Jamais façam da sua carreira aquilo que vocês não amem. Porque vocês amando irão ter problemas de sobra, imaginem esses problemas em uma carreira que vocês não tem amor, que vocês não gostem. Ah porque dá mais dinheiro. E daí. Vai te trazer felicidade? Não, você vai ser infeliz a vida inteira. Eu estou com 76 anos, trabalhando com o maior amor em tudo o que eu faço. Tenho problema? Claro! Todo mundo tem. Mas eu estou naquilo que eu gosto, que eu amo fazer. Então todos os resultados aparecem e eu me sinto altamente vitoriosa. Consegui ultrapassar mais uma meta, não é verdade? Então, consegui chegar lá. É isso que eu digo sempre, inclusive aos meus alunos. Se estão dentro de uma graduação que seja dentro daquilo que vocês amem. Como me disse aqui o Eduardo que ama a parte de saúde, a parte dessas ciências da saúde, desde que é criança. Que bom! Então ele está no caminho certo fazendo aquilo que ama. Isso é que é importante.

E os outros dois últimos pilares falam das nossas relações interpessoais. O que você viram que o peso três, que nós nos entendemos, que é o mais importante para que entendamos depois os outros. Ou seja, temos que estar bem para fazer o bem. A gente tem que estar bem para poder ajudar. Se não se está bem, não se consegue ajudar nem a nós mesmos, muito menos às outras pessoas. Passa então a haver conflitos nas habilidades da empatia e das habilidades sociais, para viver bem com as outras pessoas.

Seguindo, vamos entrar num assunto bem difícil, que é a depressão, principalmente no trabalho.

Depressão no trabalho refere-se à manifestação da doença mental no ambiente profissional, afetando o bem-estar e a produtividade dos funcionários.

A depressão é uma condição de saúde mental caracterizada por uma combinação complexa de fatores emocionais, cognitivos e físicos. Ela vai muito além de se sentir triste ocasionalmente. Tristeza acontece ocasionalmente, tristeza sempre abre um alerta. O que acontece. É uma condição séria, que pode afetar profundamente a qualidade de vida de uma pessoa. Nela, ocorrem alterações neurobiológicas no cérebro, envolvendo desequilíbrios em neurotransmissores como serotonina, noradrenalina e dopamina, ou seja, aqueles hormônios que regulam a sua felicidade. Então você vai ser infeliz. E essa infelicidade permanente é um dos motivos da depressão. Elas vão regular o seu humor, o seu sono, o seu apetite e a sua energia.

Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde, estima-se que mais de 300 milhões de pessoas sofram com esse transtorno. Os seus impactos podem ser devastadores tanto para o indivíduo quanto para a sociedade em geral.

Em termos pessoais a depressão pode levar a uma redução significativa na qualidade de vida, interferindo nas relações interpessoais, no desempenho acadêmico ou profissional, no sono e no apetite. Pode resultar em sentimentos persistentes de tristeza, desesperança e desespero, afetando a capacidade de tomar decisões, enfrentar desafios e de aproveitar a vida.

Além disso, a depressão está associada a uma série de consequências físicas, incluindo fadiga, dores crônicas, distúrbios gastrointestinais e comprometimento do sistema imunológico.

A depressão no trabalho é a segunda maior causa de afastamento das pessoas nas empresas, de acordo com dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), conforme o órgão, o Brasil ocupa a segunda posição nas Américas nos casos da doença. Nós temos, infelizmente, o segundo lugar dentro das Américas, de casos de depressão no trabalho.

Em termos sociais e econômicos, ela pode resultar em uma diminuição da produtividade no trabalho, aumento do absenteísmo, custos com assistência médica e perda de renda. Tem gente que se não trabalhar não ganha. Tem professor que é contratado, se ele não trabalhar não recebe aquele dia. Se ele tem o problema da depressão que o impede de trabalhar, ele vai ter uma perda de renda, vai ter problema com assistência médica porque vai precisar e por aí vai. Tratar a depressão não é apenas uma questão de bem-estar individual, mas

também tem implicações significativas para todas as pessoas ao redor. Você lidar com uma pessoa com depressão é muito difícil. Agora, tem alguns dos sinais que são comuns de depressão no ambiente de trabalho:

- Desânimo, cansaço e indisposição;
- Ansiedade, preocupação e insegurança;
- Sensação de culpa e inutilidade;
- Alterações no sono e apetite;
- Dificuldade de concentração e memória;
- Isolamento social e perda de interesse.
- Ideias de morte ou suicídio.

Entramos agora na saúde mental na nossa rotina diária.

A saúde mental está relacionada à forma como uma pessoa reage às exigências da vida e ao modo como ela harmoniza seus desejos, capacidades, ambições, ideias e emoções. Ter uma saúde mental equilibrada é fundamental para lidar com diferentes emoções e situações que são comuns e naturais no nosso dia a dia. Quem não lembra, acho que Daniele e Vania, da música de Chico Buarque, "Cotidiano" – "Todo dia ela faz tudo sempre igual, me sacode às seis horas da manhã". Gente isso é rotina. Rotina para alguns pode representar tédio, mas para o corpo e para a mente representam previsibilidade, rotina e saúde. Qual a vantagem dessa previsibilidade? Quando nosso corpo e mente já sabem com antecedência o que irá acontecer, diminui o nível de estresse, a que somos submetidos quando temos que tomar decisões em cima da hora. Então, a rotina e a previsibilidade, trazem uma sensação de estabilidade e segurança, necessários no nosso dia a dia, para uma vida mais tranquila.

Encontrar momentos de relaxamento é fundamental para reduzir o estresse e a ansiedade. Reserve um tempo na sua rotina diária para praticar atividades que promovam o relaxamento, como meditação, ioga, leitura ou caminhadas ao ar livre. Esses momentos podem ser verdadeiros bálsamos para a mente e o corpo.

Mas a rotina não precisa ser algo maçante não. Tem que ter espaço para inovação e para fugas. Pelo contrário, além de ter obrigações, precisa incluir momentos de descanso, diversão. E você pode até não perceber, mas, já tem

alguma rotina no seu dia a dia: escovar os dentes depois de comer, tomar banho antes de dormir, etc. Eu vou cuidar dos meus cachorros de manhã antes de sair, isso é uma rotina. Você se obriga a fazer aquilo, já faz aquilo com uma certa tranquilidade e alegria porque você já está acostumada a fazer. O que às vezes nos falta é disciplina com horários definidos para comer, dormir, ir trabalhar, estudar, praticar um esporte ou atividade física.

A disciplina necessária para seguir um roteiro diário na ajuda da prevenção e no tratamento de transtornos mentais. Como já citamos, a previsibilidade afasta a ansiedade, não só por diminuir a preocupação, mas por que também traz o paciente para a ação do momento, nos traz o presente. É o aqui e agora.

Muitas vezes, com a depressão vêm as sensação de cansaço e desânimo, o que leva à apatia e ao abandono de atividades importantes. A rotina ajuda a combater esses problemas pois diminui a necessidade de tomar decisões. Faz com que a pessoa aja e continue a agir, não por vontade ou ânimo, mas por hábito. O hábito passa a ser uma coisa saudável.

Em 1960, o cirurgião plástico Maxwell Maltz definiu que para criar um novo hábito eram necessários 21 dias de repetição. Tempos depois, a University College de Londres descobriu que o cérebro precisa mais do que 21 dias para se acostumar com esta nova ação a ponto de torná-la um novo hábito e convencionou-se que são necessários em média 66 dias repetindo um mesmo comportamento para que ele seja incorporado em nossa rotina. Por exemplo: se você tiver necessidade de fazer alguma atividade física, você não está acostumada a fazer aquilo. Se você conseguir fazer 66 dias da atividade física, ela passa a ser costume. 21 dias pode ser que você faça, mas num mínimo resvalo pode ser que você diga: "hoje não vou não!, ou "amanhã não quero ir não, vou só na semana que vem", Quando você ver, você procrastinou aquele negócio e você não fez. Esses 66 dias são importantes, a gente precisa de uma prática constante e frequente, principalmente no início, para que os nossa mente e corpo absorvam esse novo aprendizado. Com o passar do tempo, cada vez menos esforço será necessário para realizar esse novo comportamento.

Vou terminar dando para vocês dez maneiras rapidinhas para você ajudar uma pessoa com uma crise de ansiedade.

Antes de saber como ajudar uma pessoa em crise de ansiedade é preciso entender o que é uma crise de ansiedade. Trata-se de um episódio intenso e repentino de ansiedade que pode ser acompanhado por sintomas físicos e emocionais intensos. Durante uma crise, a pessoa pode sentir medo intenso ou pânico sem motivo aparente, além de apresentar sintomas como taquicardia, sudorese, tremores, falta de ar, sensação de sufocamento, dor no peito, tontura, náusea, entre outros. Essa ansiedade quando muito agravada pode levar a pensamentos negativos e chegar, infelizmente, a pensamentos de suicídio.

A primeira coisa que você tem que fazer ao estar do lado de uma pessoa que está com uma crise forte de ansiedade, vocês vão achar que é loucura o que eu vou dizer, não é não; você tem que deixar o otimismo de lado. Ainda que seja uma boa intenção, na hora da crise de ansiedade ninguém quer escutar frases de apoio como “tudo vai dar certo” ou “vai passar”. A pessoa ansiosa tende a se irritar ainda mais, pois interpreta como se o outro estivesse menosprezando o seu problema. Aliás, quando se encontra em crise, o ansioso não consegue enxergar uma situação positiva e parece haver dificuldade em tudo. Então, evite frases como essas.

Evite “dar um tranco”. Dizer coisas como “Você precisa enfrentar isso” ou “Você vai superar”. Ao ajudar uma pessoa em crise de ansiedade, não adianta pressionar ou tentar fazer com que o outro reaja diante de trancos. O negócio é muito sério. O importante é oferecer apoio, pois do contrário só fará com que a pessoa se sinta desvalorizada e isso pode servir como um reforço negativo, fazendo com que a pessoa se sinta ainda mais fraca, o que pode piorar a autoestima que já está abalada pela ansiedade.

Escute mais. Ouvir mais do que falar é a melhor alternativa para ajudar uma pessoa em crise de ansiedade. Tente não fazer julgamentos para não desmotivar o desabafo. Porém, respeite o tempo de cada um e evite forçar o diálogo, já que isso pode causar mais ansiedade.

Demonstre preocupação de verdade. Independentemente da proporção da crise, mantenha um diálogo afetuoso. Uma crise dura, em média, 25 minutos, portanto, continue ao lado da pessoa. Demonstre empatia, contudo, evite preocupação em excesso, já que isso aumenta a ansiedade. Não transforme o episódio em uma catástrofe, aja de maneira tranquila e natural.

Distraia a pessoa com boas lembranças. Outra maneira de ajudar uma pessoa em crise de ansiedade é tentar desviar a atenção de quem está em crise com assuntos aleatórios, coisas boas que já foram vivenciadas ou que estão planejadas, tais como uma viagem. Porém, faça isso com cuidado para não parecer que o momento de ansiedade não tem importância. Apenas tente desviar o foco com sensibilidade, assim é possível observar se a estratégia deve ser interrompida ou não. A pessoa que sofre de ansiedade irá demonstrar se está receptiva. Caso contrário, pare de tentar distraí-la.

Chame-o para dar uma caminhada. O ansioso pode não ter disposição para fazer algum tipo de atividade mais divertida ou prazerosa, porém, vale a pena oferecer alternativas como fazer uma caminhada ou dar uma volta, para respirar novos ares.

Mas não seja insistente, a pessoa deve se sentir livre para aceitar ou não. Caso não aceite, diga: “podemos fazer algo juntos quando você melhorar”. Assim, você demonstra acolhimento e apoio, afastando a sensação de solidão vivenciada pela pessoa ansiosa.

Não ofereça bebida . Ainda que o álcool pareça relaxante, não é a melhor alternativa. Pois, sempre que a crise de ansiedade surgir, a bebida pode ser associada como uma forma de alívio. E o que vai acontecer? Toda vez que a pessoa tiver uma crise de ansiedade ela vai beber, além de ansioso vai se tornar um alcoólatra. Então, evite criar maus hábitos que além de não ajudarem, podem mascarar um sintoma.

Elimine expectativas . Não faça suspense. Quem convive com uma pessoa ansiosa deve ser objetiva e eliminar expectativas. Não diga coisas que podem desencadear crises e nem mesmo se atrase ou demore para responder mensagens, pois isso pode aumentar o estado de ansiedade.

Sabendo isso, sabe-se que o dia 10 deste mês é, oficialmente, o Dia Mundial de Prevenção ao Suicídio, e essa iniciativa acontece durante todo o ano. O Setembro Amarelo é a maior campanha antiestigma do mundo! Em 2024, o lema é “Se precisar, peça ajuda, você não está só” e diversas ações já estão sendo desenvolvidas. O setembro amarelo chegou e junto com ele chega nossa vontade de espalhar a alegria de viver e de valorizar a vida!

"Cada dia é uma bênção nova que Deus te concede, dando-te prova de amor. Acompanha a sucessão das horas cultivando otimismo e bem-estar."
Joanna de Ângelis. Obrigada.

PRIMEIRO APARTE

Daniele do Val

Cecília, como eu fico feliz em poder te ouvir. Sempre uma aula. Um conjunto de informações tão importantes, que fazem com que a gente, de fato, fique atenta a qualquer aspecto, elemento, qualquer detalhe na convivência com o outro, porque, talvez, um dos maiores desafios das relações sociais hoje, reside nisso. Nós olharmos para o outro com empatia e entendermos os sinais que não são tão claros. Porque se tem tanta preocupação com nós mesmos. Às vezes, se vivencia situações que só enaltece o individualismo, a competitividade, e a gente acaba não reconhecendo que o outro sou eu também. Viver em sociedade é isso. E que bom, que hoje se tem essa oportunidade de falar sobre temas e assuntos que, historicamente, geram tabus. Por mais que seja delicado, desafiador falar, por exemplo, do suicídio, a gente só vai conseguir enfrentar os índices de suicídio, minimizá-los, superar, se a gente falar sobre isso. Se não falarmos, se está colocando um pano e cobrindo um problema, um fenômeno social que é extremamente complexo. E diante da realidade que se vive hoje, as situações de ansiedade, depressão, as síndromes, isso tudo está muito presente na vida de qualquer pessoa. Imagina na vida daquelas pessoas que já são marcadas pelos preconceitos e estigmas, quando se pensa, por exemplo, o caso de crianças, adolescentes, jovens, adultos, pessoas idosas que têm algum tipo de deficiência. Que já trazem aí algumas questões que são consideradas, de forma muito pejorativa, problemas. É muito importante se fazer um paralelo dessa reflexão com a compreensão de cidadania. Porque hoje, quando se faz um podcast tratando desse assunto, estamos tendo um ato político. Está se tendo uma atitude em prol, compromissada com a cidadania, com o bem estar das pessoas. Quando se pensa cidadania, se precisa reconhecer que cidadania engloba direitos, deveres, e principalmente que esses direitos e deveres são uma conquista. Então hoje, nós conquistamos um espaço de fala, de defesa, de respeito à diversidade, e a gente não pode perder isso. A gente tem que preservar isso. E já trazendo uma reflexão que vai fazer essa ponte da explanação tão

importante e tão densa que Cecilia traz, com várias dicas importantes, quando se pensa a educação inclusiva, para a gente entrar no nosso segundo momento do podcast, olha que importante se ter avançado tanto na conquista dessa cidadania e desse respeito. Porque a educação inclusiva hoje, as campanhas de valorização da vida, os serviços que a gente tem, que dão suporte, que são canais de diálogo, que dão apoio a quem precisa e deseja, seja dentro das instituições de ensino, seja CVVs, ou seja em outros espaços, eles são na verdade entendidos como dispositivos importantes de garantia da cidadania. A gente vive numa sociedade em que o terreno que a gente pisa é extremamente arenoso, e não se pode fragilizar, precisa-se continuar em frente, porque somente defendendo a equidade se consegue preservar o respeito às diferenças e não torná-las desigualdade. É entender que todos nós somos diferentes uns dos outros, mas todos somos iguais, ou seja, não somos desiguais. Quando a gente vê e reconhece que todas as pessoas têm suas potências e seus limites, conseguimos incentivar essas potências e administrar e enfrentar os seus limites. E isso é um dever de todos nós. Tanto que, hoje temos no Brasil, a aprovação em 2015, de uma lei que é conhecida como o Estatuto da Pessoa com Deficiência, estamos falando de algo que simbolicamente é muito importante. Porque quando se pensa a deficiência não se está mais pensando a deficiência com aquele estigma ou com aquela intenção segregadora, excludente. Estamos, na verdade, reconhecendo que a deficiência pode estar presente. Vou ler o segundo artigo do Estatuto da Pessoa com Deficiência, que quando define a deficiência, diz: “considera-se a pessoa com deficiência aquela que tem entendimento de longo prazo, de natureza física, mental, intelectual, sensorial o qual em interação com uma ou mais barreiras pode obstruir a participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as pessoas.” Mas isso não significa que ela não vai ter interação social, vivência social, que ela não participe igualmente de todos os espaços possíveis. Pode-se dar o exemplo muito recente das Paraolimpíadas. Que bacana quando se pensa ali um ciclo de classificações para as disputas, para as competitividades; quando se pensa as deficiências, intelectuais, visuais, físicas, e o quanto essas pessoas são na verdade, em termos de igualdade, como todos nós. Para ouvir um pouco as experiências no que tange a educação inclusiva, que está nesse rol do debate do atendimento particularizado e direcionado àqueles que precisam de algum suporte, que está previsto na NDB; e que cada vez mais as instituições de ensino superior precisam se

adaptar e a reconhecer nesse aluno o seu potencial. As instituições de ensino precisam se organizar para receber esses alunos com todo esse suporte. E vamos ouvir hoje algumas experiências, que são experiências importantes e que vão demonstrar as potências individuais e a forma que se tem de colaborar para esse incentivo nesse investimento.

Temos aqui os estudantes do UniFOA para falar um pouco. Vou passar a palavra primeiro para o Eduardo, aluno da medicina, que vai falar da sua história, ficando à vontade para trazer aquilo que ele acha que é importante compartilhar com a gente.

2.3 Reflexão e experiência sobre o autismo

Eduardo Leite Flôr - Aluno da Medicina do UniFOA

Muito prazer. Eu sou Eduardo Leite Flôr, sou acadêmico do curso de medicina do UniFOA, e estou cursando o terceiro período de medicina hoje em dia. Eu sempre gostei muito da área da saúde. Sempre gostei muito de ciências, de anatomia, de investigar a questão do corpo e a questão de doenças e me apaixonei muito por medicina. Quando eu comecei a entrar no ensino médio começou a pandemia do Covid 19, o que me deu um pouquinho de preocupação, por questão de não concluir o ensino médio e com o tempo comecei a ficar preocupado de pensar em me atrasar um pouco. Eu, por ter autismo, fiquei muito preocupado de não conseguir atingir meus objetivos, o que me deixou um pouco angustiado. Mas com o tempo eu comecei a afrentar esse problema, essa deficiência, comecei a estudar mais e a prestar um pouco mais de atenção. Com isso eu consegui, em meio do ano passado, quando eu já tinha feito quase um ano de conclusão do ensino médio, eu consegui entrar aqui no UniFOA, onde eu, hoje em dia, faço Medicina e estou muito feliz de estar aqui. Eu comecei a sentir dificuldade em adaptação com a questão de se adaptar a uma nova rotina como vocês sabem, aí eu decidi fazer uma atividade. Busquei o Centro de Apoio Pedagógico do UniFOA – o CAIP – hoje em dia onde eu faço atividade, onde eu conheci a Vânia, que é uma pessoa incrível, que eu gosto muito. Ela me ajudou muito. Eu faço orientação de estudo com ela. Me ajuda na hora da prova, me dá muito apoio a poder buscar o melhor de mim nessas áreas, tanto

de acadêmica, quanto de social. Comecei a ver uma questão diferente de que eu posso ser melhor do que eu já fui no passado. Estou gostando muito de fazer medicina, de estar aqui hoje no UniFOA, vendo o quanto eu fui capaz e o quanto eu vou me formar e vou ficar muito feliz por estar realizando esse mérito. E por incrível que pareça, quando eu entrei aqui no UniFOA eu conheci várias pessoas no meu curso. Algumas eu tenho contato, alguns são muito amigos meus. Tem pessoas que eu converso por questão social e que eu enxergo parceiros de futuro na medicina. Há um tempo atrás eu fiz um trabalho, que foi até com integração ao CAIP. Um professor meu, Marcos Cunha, da medicina, me indicou um professor lá de Sergipe. Eu o conheci, a gente conversou e ele disse que queria muito a minha participação num Congresso de Medicina. Eu participei com esse trabalho. A gente montou um artigo, fez tudo direitinho. Eu achei muito interessante o trabalho que a gente fez. Hoje em dia esse trabalho está num monte de páginas de livros na Internet. O trabalho foi o segundo mais votado do congresso. Gostei muito de ter feito isso. Eu participo de alguns congressos aqui do UniFOA. Tenho um trabalho que estou realizando com amigos meus da medicina, e daqui a pouco ele sai no congresso. Eu agradeço se realmente isso acontecer. Gostei muito de realizar esse trabalho com eles e eu espero que a gente possa estar mais junto no futuro. Achei bem interessante. Sinceramente, eu gostei muito e agradeço ao CAIP, à Vânia, que me deram essa janela, essa porta, um novo horizonte que eu pude entrar para fazer novas amizades e novas experiências.

SEGUNDO APARTE

Daniele do Val

Eduardo, a riqueza do seu depoimento só consolida, justamente, os argumentos que defendem a educação inclusiva. O quanto que todos nós aprendemos uns com os outros. Da mesma forma que você diz o quanto foi importante você entrar na faculdade, ter o apoio do CAIP, ter o apoio dos professores, participar de congressos, estar aprendendo a medicina, ou seja, ter uma formação. O quanto que a gente também pode aprender na relação com você. Você também pode mostrar com a sua inteligência, com as suas potências e o quanto você vai poder também colaborar com tantas outras pessoas que vão passar pela sua vida, não só hoje como acadêmico, mas no futuro como profissional. Quero

também te agradecer por esse teu depoimento. A gente vai ouvir as demais meninas. Se você quiser fazer alguma pergunta, colaborar também aqui com a gente perguntando alguma coisa, fique à vontade. Vou passar a palavra agora para a Franciane.

2.4 Reflexão e experiência sobre a dislexia

Franciane de Paula Silva Osório - Aluna do Serviço Social do UniFOA

Bom dia. Meu nome é Franciane, sou estudante do oitavo período do curso de Serviço Social, e sou neuro-divergente, tenho TDH e dislexia. Foi muito difícil para mim aceitar essa condição, e quando eu entrei na faculdade, consegui entrar, eu vi que aí apareceram mais dificuldades. Eu já tinha, mas ao longo da minha vida eu comecei a criar estratégias para lidar com elas, porque eu não tinha um diagnóstico fechado. Eu sabia que eu tinha alguma coisa, mas quando eu cresci, percebi que e ouvi falar da dislexia e fui me identificando com essa condição e eu mesma entendi que eu sou disléxica. Não tenho um diagnóstico fechado por um profissional, mas tudo indica que é isso.

Quando eu entrei na UniFOA, em 2021, veio a pandemia, tivemos que estudar online, e aí surgiu mais dificuldade ainda, veio ansiedade, várias coisas, e foi muito difícil para mim acompanhar as aulas. A distração, o pensamento de muita coisa para fazer, e ficar ao mesmo tempo em casa, porque a gente é cheia de mulher e quando chega em casa trabalha o tempo todo, e eu ali tentando ver a aula e lembrando de um monte de coisa para fazer.

Quando falaram que ia voltar o semipresencial eu conheci o CAIP através de fichas que apresentam para os alunos dos serviços que têm, mas eu não tinha acessado ainda. Quando comecei as aulas na sala com a turma, fiquei muito feliz, mas via a dificuldade de estar acompanhando todo mundo, o barulho. Tive outros problemas particulares que também veio piorar mais a minha situação de entendimento, não conseguia entender as disciplinas e aí me chamaram para poder fazer a prova no CAIP. Foi muito difícil porque a secretária foi lá na sala e eu estava no corredor muito nervosa porque tinha uma prova, e eu na janela respirando fundo com uma ansiedade danada, e ela veio me chamar para eu descer para o CAIP pela primeira vez, e eu estava conversando com uma colega

e era aula do Mineiro. Ele veio e aí ficaram os dois: ela me chamando para descer e ele falando “não, se ela ficar aqui eu ajudo a ela, por mim ela fica aqui”, e ela me chamando para descer. Eu tive uma crise de choro, porque eu luto pela inclusão, eu quero ficar junto com todo mundo, mas não dava para mim. Eu não conseguia aceitar. Meus colegas me abraçaram, eu chorei bastante e desci pela primeira vez. Foi uma virada de chave conhecer o CAIP, porque me ajudou tanto na minha trajetória acadêmica, quanto na minha vida também. Hoje eu para e falo: nossa, estou no oitavo período do serviço social. Eu não acredito. Eu tenho que parar, e repito várias vezes que “eu não acredito”.

Mas isso tudo foi com ajuda de profissionais, que não sei mensurar tamanha a importância que eles tiveram na minha vida. Não só acadêmica, mas pessoal também. Eu tenho acompanhamento lá. Faço acompanhamento com a Soraya, que foi minha professora e hoje me acompanha como psicóloga. Dona Graça que foi a primeira pessoa que eu tive contato lá e ela esteve em vários períodos comigo. Eu tenho um costume, uma característica de que quando eu encontro com uma pessoa que consegue me entender, sabe das minhas questões, eu tenho muita dificuldade de desgrudar dela. Porque começar de novo com outra pessoa vem julgamento e eu tenho que explicar. Quando Dona Graça, às vezes, não pode fazer prova comigo eu digo “você já falou que eu sou assim?” Todos eles me abraçaram e me acolheram muito bem. Dona Graça, Lucas, que é psicopedagogo, vários, e os professores também, porque é uma equipe. Não é só no Centro Pedagógico, mas em sala de aula também. Os que não sabiam foram se adaptando, conhecendo, porque o TDH traz questões diferentes da dislexia, e junta tudo e é uma junção de coisas que atrapalham. O TDH me faz ser impulsiva, esquecer várias coisas, perguntar várias vezes, e ao longo da vida tive que fazer estratégias para as pessoas, e até tentar esconder das pessoas que eu tinha alguma questão, algum problema. A pessoa falava e eu esquecia. E tinha vergonha de perguntar mais de uma vez, e ficava naquilo. Eu aprendi e falava : “eu sei que você já falou, mas podia repetir para mim, por favor”, e anotava.

Na sala, eu tive essa junção de todas as questões ao mesmo tempo, conflito de todas essas questões, tanto do TDH quanto da dislexia. Dificuldade de ficar perguntando para o professor e interrompendo a aula o tempo todo e a dificuldade de estar lendo, que é, para mim, ainda o pior, e em público eu prefiro

decorar e falar ou melhor, aprender e falar aquilo que eu realmente aprendi, que eu entendi, do que ler. Então, nas apresentações foi muito difícil, ainda é. Até os alunos entenderem houve várias questões de trabalho em grupo, onde falavam “ela não vai conseguir ler o menor textinho, mesmo assim não vai ler direito”, em cima da hora não rola. Tive que enfrentar várias questões assim e os profissionais sempre me ajudaram, porque cada aula é uma situação diferente, vem a ansiedade, a frustração de não conseguir entregar aquilo que eu esperava e os colegas também esperavam que fosse o trabalho em grupo. E aí eu voltava para o CAIP e a psicóloga me dando força, a psicopedagoga sempre me acompanhando na aula, orientando nos estudos, e sempre mostrando para gente o quanto a gente era capaz. Todos nós temos esquecimento, so que nas pessoas neuro-divergentes é mais intenso.

Eu só tenho que agradecer ao UniFOA, o Centro Pedagógico, o CAIP, os professores que aprenderam a lidar com várias questões dos alunos, comigo também, com as minhas questões. Então é isso, estou muito satisfeita mesmo e recomendo quem quiser, não deixar os problemas, as questões de saúde, interferir nos sonhos da gente, se eu deixasse, não estaria aqui. Tive apoio, tive acompanhamento, aqui no UniFOA eu posso garantir que sou acompanhada aqui. Não sei como é em outras faculdades, mas tenho acompanhamento mesmo, e ninguém larga a mão de ninguém enquanto a gente não chega lá.

TERCEIRO APARTE

Daniele do Val

E tem uma coisa muito interessante na sua história, Franciane, que a sua experiência particular, te motivou à uma reflexão profissional, e à escolha do seu tema de TCC. Você está falando hoje no seu TCC sobre a Educação Inclusiva, trazendo a experiência de uma organização do UniFOA, mostrando o quanto isso é importante para os alunos e para você. Acho que vem aí mais uma vez a contribuir com esse processo, que é um processo árduo, a gente ainda precisa avançar, mas que a gente percebe que o caminho está no caminho certo. Uma educação libertária, emancipadora, progressista e têm tantos adjetivos que a gente pode trazer, mas aqui, o nosso compromisso é com as pessoas. Quero

te parabenizar pela tua trajetória, sua história, e passar a palavra para a Ana Carolina.

2.5 Reflexão e experiência sobre o TDH

Ana Carolina Ribeiro - Aluna do Design do UniFOA

Bom dia. Meu nome é Ana Carolina e eu sou do sétimo período do Design. Eu tenho 24 anos e sou portadora de TDH. Por conta disso eu faço as minhas provas no CAIP – Centro de Aprendizagem e Inovação Pedagógica, ambiente mais tranquilo e sem distrações. Eu conheci o CAIP em 2020, através da pedagoga Graça. Na época eu cursava o Sistema de Informação, mas eu estava tendo muita dificuldade para acompanhar o curso porque as aulas eram 100% remotas, devido a Pandemia, e eu não conseguia me concentrar. Até então eu não havia sido diagnosticada com déficit de atenção.

O CAIP teve um impacto muito positivo na minha vida. Acredito que, assim como eu, como o relato do Eduardo, por exemplo, muitas pessoas se sentiram desorientadas nas aulas na pandemia. Se não fosse pelo apoio pedagógico que eu recebi, eu teria abandonado a faculdade. E eu realmente cheguei a cancelar e eu teria realmente abandonado a faculdade. Eu cancelei a matrícula quando eu ainda estava no primeiro período de STI, mas o Cadu, que é o coordenador de SI e a Graça me incentivaram a continuar e o cancelamento foi revertido.

Algumas reviravoltas ocorreram. Em 2021 eu resolvi fazer a transferência para o Design. Eu lembro que o CAIP também me auxiliou nesse processo, através da Graça, foi por volta dessa época que eu recebi o diagnóstico de TDH. Desde então eu continuo a receber o apoio dos profissionais pedagógicos da FOA, os quais estão sempre dispostos a ajudar.

O CAIP é um setor inclusivo. É importante ressaltar que inclusão é para todos, com ou sem diagnóstico. Como disse, eu ainda não havia sido diagnosticada com TDH quando eu comecei a ser atendida. Por isso, acho fundamental que os estudantes busquem ajuda assim que identificarem qualquer obstáculo que esteja comprometendo a sua jornada na faculdade. Ainda que seja algo temporário, e parecer ser bobo, se tiver atrapalhando os estudos saibam que há profissionais bem preparados para orientar e apoiar.

Esse apoio fez toda a diferença na minha vida acadêmica, a qual não existiria se uma pedagoga e um professor não tivessem me incentivado a perseverar.

QUARTO APARTE

Daniele do Val

Que lindo depoimento Ana Carolina. Você traz para a gente de fato, e aí eu me coloco como professora, um incentivo para que o nosso olhar seja sempre um olhar empático. A professora Cecilia sempre traz a palavra empatia em suas falas, e que a gente de fato possa estar sempre presente, no sentido de contribuir, de viabilizar direitos. Eu, como assistente social, falei como professora e agora como assistente social, fala-se muito durante o processo de formação de nossos alunos, que o assistente social não é um profissional que garante direito, isso é papel do poder público, através das políticas públicas; mas nós somos profissionais que viabilizamos os acessos a direitos. Estou falando isso porque, quando hoje a gente senta e consegue discutir a importância da educação inclusiva, estamos falando da viabilização de um acesso ao direito. Os três depoimentos aqui me tocam, me afetam, me incentivam. Estou muito orgulhosa e emocionada de estar aqui ouvindo vocês. Muito obrigada e parabéns pela trajetória de cada um. Parabéns por nenhum de vocês ter se permitido paralisar, mesmo que em algum momento das suas vidas alguém tenha dito a vocês que vocês não iriam à frente. Estou muito emocionada e queria passar a palavra para a professora Cecilia, que também gosta de sempre trazer considerações para nos enriquecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Maria Cecilia Gama

O que é Educação Inclusiva? É você garantir a inclusão e o bem estar, na realidade, com estratégias pedagógicas, adaptativas, materiais didáticos que sejam acessíveis e ambiente de aprendizado acolhedor. Tem que haver uma colaboração ativa de entre todos os membros da comunidade escolar. E aí entram os professores, os alunos, os pais, e os serviços de aprendizagem e apoio. Então, esse ambiente celebra a diversidade e a inclusão. E eu, mais do

que ninguém, tenho um orgulho absurdo disso aqui. Por ser filha de quem eu sou, por ter visto esta instituição nascer, por acompanhar ao longo desse tempo todo esse trabalho que a gente vem fazendo há 8 anos, tentando trazer, não é Daniele, toda essa parte de comunidade, toda essa parte de inclusão, toda essa parte de acolhimento e por que não dizer toda essa parte de empatia. Quando a pandemia aconteceu, exatamente como vocês, eu passei a trabalhar 24 horas por dia online. Eu tinha cinco cursos online pelo Escritório da Cidadania. Mas não foi isso que mais me surpreendeu, isso para mim foi um prazer, uma honra, o que mais me surpreendeu foi que eu, inocentemente achava que a pandemia ia acolher e juntar as pessoas. Ou seja, aquele vizinho mais jovem que ia ajudar ao vizinho mais velho, logo naqueles primeiros dias. Aquilo era tão bonito. Eu digo, gente será que o mundo vai mudar? Será que nós vamos mudar? Será que nós vamos ser mais acolhedores e menos preconceituosos? Mais focados no outro e nos enxergar, como diz a Daniele, nos vemos no outro. Nada disso aconteceu. Eu acho que piorou muito. As pessoas passaram a se focar muito mais em si. Os egos parece que aumentaram brutalmente, e a gente passou a ver um desamparo muito grande em todas as facções, principalmente naquelas menos favorecidas. Por isso esse nosso trabalho aqui tão intenso em catubar as pessoas. Em chamar a atenção, em falar aquilo que a gente pensa, independente da reação que vão ter, não quero saber, eu falo o que penso mesmo. E eu acho que esse tipo de programa, não é Vânia, é muito necessário. É necessário que as pessoas escutem, através do Spotify, que existe um Centro Universitário em Volta Redonda, chamado UniFOA, que entende o que seja a inclusão real. Ou seja, ela inclui os seus alunos, os seus professores, os seus funcionários, dentro de um ambiente saudável de trabalho. Não é que não vai acontecer gente com ansiedade, com burnout, isso vai acontecer em qualquer lugar. Não é que as pessoas não vão ter autismo, não vão ter TDH, não vão ter dislexia, vamos ter. Mas como que isso é visto? Como que isso é trabalhado? E como você se coloca diante disso é que é o importante. Então, muito orgulho de vocês por trem a coragem de virem aqui e darem voz a todos os colegas, a todas as pessoas, que têm exatamente a mesma situação que vocês, e que não têm o privilégio de estar aqui no UniFOA. Que venham para o UniFOA! Nós aqui acolhemos e acolhemos muito. Muito obrigada.

QUINTO APARTE

Daniele do Val

Antes de deixar aqui a minha mensagem final, queria saber do Eduardo, da Ana e da Franciane, se eles gostariam de trazer mais alguma colaboração, alguma reflexão. Vocês gostariam de falar mais alguma coisa?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eduardo Leite Flôr

Teve uma coisa que eu queria, como a Fran falou, que chegou uma época da vida dela que ela queria se esconder atrás do TDH. Eu também tive uma época que eu me escondia atrás do autismo, que eu não queria que as pessoas ficassem sabendo. Que até quando eu entrei na faculdade, eu tinha uma sensação de medo, que as pessoas podiam me ver diferente. A questão no convívio social. E as pessoas acabarem não entendendo o que é o autismo de verdade. Eu sempre fui uma pessoa que tinha dificuldade de entender o outro, com base nos olhos das pessoas, e eu acabei vendo que a situação do autismo não é uma desculpa pelo qual eu não tenho que deixar de conviver em sociedade. Essa sociedade é que tem que entender o quanto o autismo é importante. Eu tive contato com muitas pessoas com autismo. Trabalhei com vários projetos ao longo da minha vida, sobre o autismo. E eu achei bem interessante. Conheci várias pessoas e tive vários contatos com profissionais, pedagógicos, psicólogos. Com base nisso, acabei tendo convívio com pessoas aqui na faculdade que hoje sabem que eu sou um autista, e que me dão um apoio enorme. Tem várias pessoas que eu gosto de estar ao lado, tenho muitos amigos, tenho duas pessoas que considero melhores amigos para mim, Pedro Moreira e Carlos Eduardo. O Pedro, um dia eu estava precisando de apoio, estava passando um pouco mal, e ele foi até o CAIP, contatou a Vânia e me ajudou para caramba. E o Carlos Eduardo foi muito uma pessoa que me deu apoio, sempre pergunta se eu estou bem, se eu preciso de ajuda. Esses dois, para mim, são muito mais que amigos, são quase irmãos para mim. Me ajudaram muito. E eu tive pessoas ao longo da vida. Tive um amigo que passamos a maioria da nossa infância juntos e depois a gente se separou, porque hoje eu faço medicina e ele faz colégio naval. Acho que onde

existiu o mal, vai existir o bem. Acho onde eu estiver sempre vai ter alguém que vai me ajudar, vai estar comigo e eu agradeço muito à Vânia, ao CAIP, que me deram apoio também e estiveram comigo quando eu precisei. Eu indico muito os serviços sociais do CAIP e os serviços pedagógicos. Aprendemos uma coisa, você pode se esconder na capa de chuva o tempo todo, mas ninguém vai saber o que você é de verdade se você continuar se escondendo. Mostrar realmente o que você é, é uma parte fundamental para sua inclusão na sociedade. No fundo, você pode mostrar o que você é de verdade, o que você sente no fundo do seu coração, da sua alma. Por mais difícil que as pessoas podem te julgar, que eu sei porque muitas pessoas me julgaram ao longo da vida, a questão é saberem o que você é, o que você sente, o que você passa, essa sensação do medo, eu acho que realmente o Setembro Amarelo é isso mesmo, a falta de contato, a falta da pessoa se abrir na sociedade. A principal coisa que podemos ter no mês de setembro, é o combate ao suicídio, é saber o que a pessoa realmente sente e o poder ajudá-la. Com isso, podemos ter uma baixa, e se Deus quiser, e extinção do suicídio no mundo. Obrigada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Franciane de Paula Silva Osório

Eu também gostaria de agradecer às pessoas que estiveram comigo até aqui, principalmente os alunos, minha turma, que foi a melhor turma! Eu posso dizer assim porque eles aprenderam a lidar comigo e eu com eles. As questões que a gente tem, as pessoas neuro-divergentes, igual você falou, Cecilia, é uma troca. A inclusão é uma troca para as duas partes. As duas partes ganham com isso, porque as pessoas acabam aprendendo com a gente. Porque a gente também tem o que ensinar, temos bastante coisas boas, não tem nada a ver com não saber, com inteligência. Só que cada um com a sua especificidade, com seu tempo de aprendizado, com seu jeito, e a minha turma, aos poucos, foi entendendo e me ajudando muito. No começo da faculdade eu tive muita ajuda de duas pessoas também, duas queridas, que a gente briga, mas elas entendem. Às vezes falam “a Fran é impossível, troca as coisas”, mas me ajudaram muito. A Anita e a Juliana, que vinham e perguntavam “quer ajuda? Posso te ajudar?” Elas me estimulavam, me mostravam que eu sabia, nada mastigado, porque eu

tenho adaptação curricular, mas a prova é a mesma que a dos outros alunos. Eu tenho um tempo maior de prova e no CAIP a gente foi trabalhando para diminuir esse tempo, até porque eu chegava atrasada e não conseguia pegar todo o meu tempo. Fui moldando para poder fazer o mesmo tempo de prova. Às vezes conseguia entregar aprova online no tempo certo. No CAIP a gente faz prova com a presença da pedagoga e acaba se fazendo antes da hora. Eu tenho que agradecer à minha turma, às pessoas que me ajudaram, todos os alunos, Juliana, Anita e o Yuri. Tive uma crise uma vez de ansiedade horrível, estava passando por problemas particulares, com minha mãe doente, e cheguei e subi a rampa e não tinha ninguém, eu desesperada, suando, tremendo, achando que ia cair ali e não tinha ninguém. O Yuri do nada apareceu e ele fez o que a Cecília falou, não falou nada, só ficou do meu lado segurando a minha mão. Não falou para eu ficar calma, ou que ia passar, ficou quieto do meu lado, pegou água para mim, e ficou ali até passar. Pedia para eu respirar, eu respirei. E foi passando. Então, assim, eu tenho que agradecer a todos. Professora Daniele, que hoje mesmo eu brinquei com uma colega que falou assim: "Nossa! Vai lá, você fala muito bem!" Eu acho que não. Daniele é louca em me colocar numa coisa dessas. Daniele é um amor, agradeço muito por confiar em mim e me dar essa oportunidade e a todos os professores que me acompanham, não vou citar nomes pois posso esquecer alguém e ele ficar chateado. Mas tenho um carinho enorme por todos eles. Falo da Daniele porque ela está aqui. Muito obrigada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ana Carolina Ribeiro

Vou aproveitar para fazer uma confissão aqui. Na verdade eu saí de SI, porque tinha muito medo do fracasso, depois de três períodos online, sem conseguir acompanhar as aulas, tendo muita dificuldade para captar o conteúdo, eu achei que seria melhor para mim se eu simplesmente me transferisse para o Design, pois seria uma rota de fuga. Ai eu falei, vou para Design, sei o que estou fazendo. Conversei com a Graça, conversei com a minha mãe e eu tenho o hábito de tentar convencer as pessoas que eu sei o que eu estou fazendo. Mas na época eu sai mesmo porque eu tinha medo do fracasso. E o que eu tenho a dizer para as pessoas é sejam pacientes consigo mesmas, porque eu não fui paciente

comigo. Eu não compreendi que tinha um processo todo de reajuste. Depois veio o diagnóstico de TDH e aí eu aprendi a atacar o problema. Sejam pacientes e não foquem no que as outras pessoas estão fazendo. Porque eu vi todos os meus colegas se dando tão bem, todo mundo tendo facilidade para fazer as coisas, e eu não consegui sair do lugar. E por impulso tomei uma decisão, da qual hoje eu não me arrependo, eu confesso, porque se eu não estivesse aqui eu não seria capaz de olhar para o futuro com outros olhos, olhar para a vida de outra forma, porque agora eu enxergo a vida como uma jornada, mais fluida, em vez de uma linha reta. Eu enxergo que vai ter curvas, às vezes não vai ser da forma como eu planejava. A pandemia, por exemplo, foi um grande obstáculo, uma coisa que eu nem ninguém esperava. Às vezes isso vai acontecer. E a questão toda é ser paciente, ser compreensivo e compreender que vamos passar por essas coisas na vida, mas há pessoas para nos apoiar. Temos apoio da família, de profissionais preparados como aqui no CAIP, aqui na FOA. O que eu tenho a dizer é isso, fazer essa confissão que eu nunca quis admitir para ninguém e nem para mim mesma. Eu olhava e dizia que não era para mim. Eu olha para trás e tenho vontade de continuar. No futuro quem sabe, a vida tem dessas coisas. Foi assim um momento necessário de eu quebrar a cara para eu poder aprender e crescer. E humildade para aprender a crescer pois é no desconforto que a gente cresce, mas é preciso ter paciência e humildade para reconhecer que a gente não vai ser o melhor. Vamos ter dificuldades em algumas coisas mesmo e tudo isso faz parte da vida, com ou sem TDH, com ou sem diagnóstico, todo mundo enfrenta dificuldades, tem limitações, é preciso aprender a respeitar isso, porque é o que nos faz humanos. Eu gostaria de agradecer a oportunidade e também agradecer às minhas amigas que estão sempre comigo, e me ajudam nesse processo. Tem sido momentos difíceis com bastante coisa para fazer e elas estão sempre ao meu lado. E agradecer também à minha mãe, que está doida para ouvir esse podcast. E à pedagoga Graça pelo incentivo contínuo, e os professores que com certeza fazem parte dessa jornada. Obrigada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Daniele do Val

Nossa. A gente fica até com as palavras embargadas aqui, porque tanto o depoimento do Eduardo, da Franciane e da Ana Carolina, mostram o quanto é importante estarmos caminhando junto. Apesar de eu ter feito referência lá no início do que é estar juntos, a gente precisa entender que o protagonismo é de vocês. Como vocês foram protagonistas hoje aqui compartilhando com a gente essas histórias. E não podemos deixar de destacar aqui que a emoção toma conta de todo mundo, porque a gente vê o quanto que é importante se defender a cidadania e a educação para todas as pessoas. Que é o nome do nosso ciclo de podcast, não é, Cecilia. E aí então para finalizarmos, vamos agradecer ao UniFOA pela estrutura, pelo compromisso com a qualidade do ensino, suporte à formação de vocês. Agradecer ao CAIP. Agradecer à minha parceira de sempre a Cecilia. Hoje ao Heitor que está aqui conosco. Ao Hudson, que viabilizou a nossa vinda. Agradecer à Vânia e à Graça lá do CAIP. E agradecer principalmente a vocês e hoje saio daqui com um pouco mais de bagagem, pois aprendi muito com vocês. Queria ressaltar que se tem muito a avançar na Educação Inclusiva no Brasil, muito a avançar na Educação Inclusiva no nível superior e o quanto que é importante esse protagonismo também de algumas instituições de ensino, como aqui do UniFOA. A gente precisa ampliar essa rede de suporte, ter respeito, valorizar. E precisamos consolidar a defesa sempre de uma sociedade que é diversa, que tem diferenças, mas que não deve ser desigual. Não sei se é uma utopia, mas posso dizer que é uma esperança. Muito obrigada a todos vocês.

3 CONCEPÇÃO PROGRESSISTA E LIBERTÁRIA DA EDUCAÇÃO: EDUCAÇÃO PARA TODAS AS PESSOAS

INTRODUÇÃO

Hoje estamos aqui mais uma vez reunidos para o nosso terceiro Podcast do Escritório da Cidadania em Movimento e a pauta, o tema é a Educação Inclusiva pela Diversidade: uma educação para todas as pessoas. O meu bom dia, a todos que nos ouvem. Ao nosso convidado em particular hoje, o Rodolfo Justine, que vem do Panamá nos abrilhantar com a sua experiência acerca do atendimento clínico, com pessoas que vivenciam a questão da diversidade e da necessidade de serviços para a Educação Inclusiva. E a minha parceira de sempre, professora Maria Cecília Gama, nossa professora convidada e institucional da FOA. E queria agradecer também ao Hudson que está aqui conosco conduzindo esse podcast.

3.1 Concepção progressista e libertária da educação: educação para todas as pessoas

Daniele Ribeiro do Val de Oliveira Lima Santa Bárbara

Vou fazer um breve resgate sobre o que a gente falou de uma forma bem pontual, porque quando a gente divide essa temática em três momentos, a gente busca, a cada encontro, dar ênfase à uma perspectiva. Hoje vamos falar um pouco sobre a Educação Inclusiva. A professora Maria Cecília vai trazer esse resgate sobre o que seria uma educação para todas as pessoas. Pensando a questão da educação emancipatória, da educação progressista, para que se possa pensar a diversidade nesse cenário educacional.

E depois vamos ter o nosso professor doutor psicólogo Rodolfo Justine, falando dessa experiência. Mais para frente vou falar do currículo dele, que é um pouco extenso. É isso.

3.2 Educação Inclusiva pela Diversidade

Daniele Ribeiro do Val de Oliveira Lima Santa Bárbara

Hoje vamos estar pensando um pouquinho sobre o porquê que é tão importante falarmos da educação inclusiva e dar um foco na educação inclusiva nessa perspectiva da cidadania.

Quando se pensa a educação inclusiva, tradicionalmente se olhava para os níveis fundamental e ensino médio, mas é muito recente falar da educação inclusiva no nível superior.

No último podcast mostramos o protagonismo do UniFOA no que tange a oferta de projetos, de espaços de serviços, que vão dar o apoio ao estudante e também ao docente, para que eles possam acessar esse espaço do ensino superior e ter ali os aportes necessários para a sua formação.

Se pensamos um pouco sobre a educação inclusiva no nível superior, tem-se que destacar isso: o compromisso das instituições de ensino com a organização de metodologias e estratégias que permitam que os alunos com diferentes deficiências ou transtornos de aprendizagem possam estudar e possam se formar. Até porque, se se considera o ensino acadêmico de nível superior vai oferecer ao aluno uma formação profissional que permita a ele a participação no mundo do trabalho, cabe a gente fazer uma reflexão sobre qual profissional queremos formar. E quando se busca resposta para essa reflexão, a gente vê a responsabilidade das instituições de ensino na oferta dessas condições de formação desse aluno.

O debate sobre a inclusão no Brasil, vai remontar o contexto da aprovação da Constituição Federal de 1988, mas já se tem um pouco antes disso também esse debate no cenário internacional e que vai afetar, obviamente, a trajetória desse debate no Brasil.

Quando se pensa uma demarcação temporal para pensarmos a educação inclusiva, pode-se falar da Declaração de Salamanca, aprovada em 1994, durante a Conferência Mundial sobre as Necessidades Educativas Especiais organizada pela UNESCO. No caso do Brasil, em 1988, com a Constituição Federal, ela já apresenta alguns princípios, que vão estar fundamentados nos direitos humanos e na dignidade da pessoa humana e que vão refletir num

redirecionamento da política educacional. Então, a partir da Constituição Federal de 1988, um conjunto de leis e de normativas, que permitem o avanço da educação inclusiva no Brasil. Inclusive se tem a nossa lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que foi aprovada em 1996, já incorporando aqueles princípios defendidos também pela Declaração de Salamanca.

Não posso deixar de falar sobre a Lei 10098, de 2019, que vai falar das normas específicas de acessibilidade das pessoas com deficiência, em diferentes espaços e serviços. Ou seja, as instituições de ensino também precisam ter as adaptações estruturais, arquitetônicas, para poderem receber esses alunos.

Tem-se então um debate sobre a educação inclusiva que não vai desconsiderar as particularidades que cada grupo de alunos vai estar apresentando. Obviamente não pretende homogeneizar as práticas pedagógicas e metodologias. Mas o que defende a educação inclusiva? Justamente a possibilidade da interação social, o tratamento equânime, e a garantia de acesso à uma educação de qualidade que não tenha diferenças de qualquer ordem. É algo que a gente sempre fala nos nossos encontros. A gente não pode entender diferença como sinônimo de desigualdade. Todos somos diferentes, mas não devemos ser desiguais. Quando se pensa a educação para todas as pessoas, estamos falando justamente de uma educação que considere as características distintas de cada aluno, mas o entenda como partícipe daquela dinâmica institucional, daquela dinâmica societária. De uma forma mesmo a não trazê-lo para uma condição inferior, marginalizada, segregada.

Quando se pensa a educação inclusiva, fala-se dessa possibilidade de fazer com que o aluno tenha uma formação de uma educação de base – para saber ler, escrever, fazer cálculo – mas também uma formação profissional, para que ele possa participar do mundo do trabalho, mas uma formação também que o faça se tornar um cidadão, de direitos e deveres, e que possa participar da dinâmica da sociedade.

Fiz um breve resumo do que se vem discutindo nos últimos dois podcasts, em que tivemos a presença de alguns alunos, que deram os seus depoimentos, falando da experiência deles aqui na nossa instituição de ensino – no UniFOA

– porque eles ali acessam os serviços, os profissionais que dão o suporte necessário para que eles deem continuidade à sua formação.

E hoje eu vou passar a palavra para a professora Cecília, que vai trazer esse resgate da educação, e posteriormente, apresentamos o Dr. Rodolfo Justine para falar de sua experiência.

3.3 Panorama histórico – teoria progressista da educação e suas três vertentes

Maria Cecília Fontainha de Almeida Gama

É sempre um enorme prazer. Há oito anos que estamos aqui nesse embate de tentar trazer a cidadania cada vez mais próxima da nossa sociedade.

Primeiramente, bom dia, Daniele. Bom dia, Rodolfo! Que bom ter você aqui. É um sonho! Eu consegui trazê-lo do Panamá para me ver, sei lá, quase trinta anos que a gente esteve junto no Rio. Rodolfo e eu fomos companheiros no Rio durante muito tempo. Trabalhamos juntos, estudamos juntos, e até moramos, porque Rodolfo ficou um período lá em casa e os meninos o adoram e a mamãe o adorava também. E a gente agora, teve esse prazer imenso de tê-lo conosco aqui esses dias, nas férias dele. Então, achei muito pertinente pela formação que ele tem e por aquilo que ele trabalha, que ele viesse fazer parte do nosso time, não é Daniele, porque a gente sempre engrandece o nosso trabalho com os nossos convidados, como foi com o Ailton, com a Graça, com os nossos alunos tão queridos que estiveram aqui expondo os seus problemas com tanta abertura e tanta empatia.

Então, para a gente falar um pouco sobre do que é a teoria progressista, dentro da pedagogia, que nos traz hoje essa qualidade de nos inserirmos todos dentro de uma sala de aula, dentro de uma sociedade, apesar de sermos diferentes, pois o ser humano não é igual, tanto que as nossas digitais são únicas, não tem duas iguais. Mas a gente precisa entender que quando estamos em sociedade, seja a sociedade que for, até a sociedade familiar, tem que haver esses entendimento, essa aproximação, esse acolhimento, essa compreensão do outro. Nós somos o reflexo do outro.

Então para começarmos um panorama dessa pedagogia, vamos chegar lá atrás um pouquinho, com três autores: João Amós Comênio, John Locke e Francis Bacon. Eles foram aqueles primeiros que começaram o nosso caminho dentro do experimentalismo, no século XVII. E essas formulações deram origem a uma teoria pedagógica própria na passagem do renascimento para o iluminismo que ficou conhecida como pedagogia realista. Já tínhamos chegado ao início das revoluções. Revoluções de pensamento e revoluções sociais. E essa pedagogia realista, a partir do pensamento de Locke, enfatiza a importância do papel do professor no desenvolvimento intelectual do aluno. Vamos ver que naquela época, a relação professor-aluno era baseada na submissão dos discentes aos adultos, visando fazê-los “espírito dócil e obediente”, em um processo de memorização diante de um professor que “dá uma lição” e depois “toma aquela mesma a lição”. A educação naquele momento aponta apenas como a educação que deveria apenas ser administrada à elite, pois apenas estes homens poderiam se ocupar do exercício da cidadania. As mulheres não ocupavam esse espaço. E os homens que ocupavam esse espaço tinham o direito a essa educação por serem de uma classe social mais alta, ou seja, aquela que não trabalhava. Então tinha tempo ocioso para estudar. Alinhado com esse pensamento, Francis Bacon valorizava o pensamento indutivo e apresentava a ideia de compreensão e controle das forças da natureza para o uso humano. No geral, portanto, reconhecemos uma educação moral, física e intelectual, identificada por Locke como formação do gentleman, o que unida a ideia de “saber é poder”, de Bacon, caracteriza a pouca mobilidade social dentro do conservadorismo. Era aquilo, era engessado, o quadradinho, não se podia sair.

Seguindo esse pensamento, as tendências educacionais conservadoras mais atuais, como por exemplo a tradicional e a tecnicista, defendem que a educação deve ser prestada com fins de formar os indivíduos para papéis fixos dentro de uma ordem social industrial racionalizada. Vamos ver o intelectual, o homem rico, aquele que não precisa trabalhar e o técnico, onde temos Chaplin nos mostrando em “Tempos Modernos” a sua maravilhosa concepção do que seria o mundo moderno. Aquele sujeitinho na máquina arrumando os parafusos. É mais ou menos por ali, aquilo era técnica. Em outras palavras, educação intelectual para a elite e educação puramente técnica para as classes mais baixas.

Outro pensador do século XVII, o monge João Amós Comênio, conhecido como pai da didática, defendia a ideia da escola como "oficina da humanidade" em seu livro "Didática Magna". Comênio, tanto quanto também o fez Rousseau (2000) no século XVIII, defendia uma escola voltada para a ação, isto é, dentro da ideia de que "só se aprende fazendo". Não por acaso, o psicólogo suíço Jean Piaget, que eu já falei aqui que tive o prazer de assistir uma de suas conferências, lá em Lausanne. Ele foi identificado atualmente com o pensamento da Escola Nova, desenvolveu a ideia de instalação de laboratórios, de oficinas, de hortas e de imprensa nas unidades escolares, coisa que não existia, tornando o ensino mais eficiente no que tange a ideia de "aprender fazendo", que tira o aluno daquela coisa engessada do dar lição e tomar lição e traz o aluno para a realidade de algumas situações do mundo. Ou seja, como se planta, como a planta cresce, vamos estudar botânica, vamos para a horta. Vamos fazer algum cálculo vamos para o laboratório. Isso trouxe o aprender fazendo.

Carl Roger (1985), aponta para uma maior preocupação com a formação de atitudes, com foco no estímulo da busca dos alunos pelo conhecimento por seus próprios meios, o que ficou conhecido como "Liberdade para aprender". Por outro lado, a linha Liberal Renovada Progressista, tendo como nome de destaque Maria Montessori, aponta que a escola deve agir no sentido de adaptar as necessidades individuais às necessidades do meio social. Já começa a mudar totalmente o enfoque do que seria a escola ideal, oferecendo experiências em um processo de construção e reconstrução dos objetos de análise, em uma interação de estruturas cognitivas do indivíduo com as estruturas do ambiente onde vive. Nós somos, na realidade, aquilo que o ambiente também nos faz. Cada um no seu ambiente. Não adianta você querer tirar a pessoa do ambiente dela, trazê-la para uma coisa completamente diferente e fazer com que ela aprenda. Não. Temos que levar ao ambiente daquele aluno o conhecimento dentro da maneira que ele vai poder aprender, como ele vai entender. Tem que ter uma praticidade aquilo. Ele tem que ter uma cognição, senão, não adianta, ele não vai aprender, não tem interesse e vai ficar exatamente da mesma forma. Não vai ter uma evolução dentro do conhecimento. Aprender a aprender é descrito em um livro chamado "Mentes absorventes", da Maria Montessori.

No Brasil, contudo, a Escola Nova se fortaleceu no início do século XX com a Revolução de 1930 e a chegada de Getúlio Vargas ao poder vai ter uma

influência da obra de John Dewey sobre os nossos educadores, que eram, Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Lourenço Filho, principais nomes do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932. Contudo, dentre as pedagogias conservadoras, a mais discutida nos dias atuais é a tecnicista.

O professor José Carlos Libâneo, ao escrever o artigo "O dualismo perverso da escola pública brasileira" (2012), aponta que esse modelo conservador fortalece a tendência em fazer com que o aluno se torne um indivíduo receptor de uma espécie de "kit de sobrevivência" para ingressar no mercado de trabalho. Ele não abre a mente daquele aluno para fazê-lo refletir, ler, dialogar, discutir as ideias. Era aquilo, visando apenas uma única situação: o mercado de trabalho. O professor, por sua vez, seria transformado em um mero técnico responsável por transmitir saberes acabados, que lhe foram enviados por uma instância superior. Então foi um momento, e eu trabalhei um pouco nesse momento, que você não podia divergir um milímetro daquilo que estava escrito que você tinha que dar para o aluno. Se você quisesse fazer uma peça de Shakespeare dentro de uma aula de inglês, não podia, não estava no programa. Se você quisesse levar os alunos para entenderem a arte voltada para uma literatura, uma leitura de texto mediante a arte, vamos ver um quadro, não podia, não estava dentro do programa. Dessa maneira, o tecnicismo realiza uma divisão entre o que seria uma educação intelectual para as classes mais abastadas e um saber puramente técnico para as classes mais pobres. Considerando que as famílias mais abastadas deverão procurar um ensino diferenciado nas escolas privadas, essa separação, termina por gerar uma dualidade na formação dos alunos, fomentando a alienação do jovem quando chega ao mundo do trabalho. Porque aquele também da classe mais alta, se perde o dinheiro e precisa trabalhar, está ferrado. Vai trabalhar com o quê? Ele não foi ensinado, preparado para o exercício do trabalho. Este será um dos pontos chave de críticas realizadas pelos teóricos das Tendências Pedagógicas Progressistas que constroem suas teorias sobre a ideia de mobilidade social e desenvolvimento individual.

Como proposta de abandono desses modelos conservadores de educação dual e alienadora, a primeira é a teoria marxista, que afirma que a escola pública deveria preparar o homem para a emancipação e libertação (práxis libertadora), por meio de uma educação intelectual, ligada à instrução tecnológica (bem como à educação física), mens sana in corpore sano, tem que

ter as duas coisas. Ou seja, uma educação unitária, completa, capaz de fazer o indivíduo compreender todo o funcionamento do sistema. Isso é Karl Marx.

Educadores ligados a teorias progressistas apontam que o papel da educação é o de fazer os indivíduos perceberem que são construtores da própria história e da história de sua sociedade. A sociedade não vem pronta, ela é feita pelos homens que nela habitam e que nela circulam. Trata-se de estimular, como característica geral das tendências progressistas o inconformismo e a inquietação, de incentivar o desenvolvimento da capacidade questionadora e a disposição crítica, segundo escreve o educador José Carlos Libâneo.

Seguindo esse pensamento da tendência Libertadora, vamos ter o nosso maior expoente nacional, o pernambucano, Paulo Freire. Por quê? Porque ele afirma que os temas geradores de discussões a serem desenvolvidos pelos alunos em sala de aula devem ser retirados de suas vidas cotidianas. Então você vai discutir com o menino da favela o que é uma realidade da favela. E com o menino do asfalto o que é uma realidade do asfalto. Não adianta querer misturar, pois o do asfalto não vai entender a favela; e o da favela, não vai entender o asfalto. Temos que entender que cada aluno traz consigo uma bagagem imensa de vida, ele tem que aprender a destrinchar essa bagagem e a adaptar aquilo dentro da sociedade que vive, entender quais são as suas necessidades, os seus direitos, a reclamar, a ter voz, e por aí vai. E aí sim ele será livre. Livre é aquele que consegue pensar e colocar em prática, em ação, seus pensamentos. Se não, está na prisão, vira vaquinha de presépio, acompanhando a maré. Todo mundo igual. Por que você está aqui? Não sei, fulano está e eu estou também. Como não sabe? Por isso que a pedagogia de Paulo Freire é tão libertadora. Ele estimula também o professor num relacionamento horizontal. O professor não está acima do aluno nem abaixo do aluno, nem o aluno está abaixo ou acima do professor. Os dois estão iguais. Cada um tem sua espécie de conhecimento e tem que haver uma troca aí. Uma troca efetiva, com afeto, com saber, com vontade. Se não, não funciona. Problemas econômicos, políticos, além de questões sociais devem ser debatidos e estimulados pelo professor em um relacionamento horizontal. Quanto a isso, é possível afirmar que as tendências pedagógicas libertadora e libertária combatem a ideia de autoritarismo no que tange ao sistema e a atuação do professor em sala de aula.

Já a tendência Libertária ainda vai mais fundo nessa questão de discussões em grupos, esperando que, a partir da atuação de conselhos, assembleias, associações e sindicatos, aconteça uma transformação na escola e na sociedade. Segundo Sílvio Gallo, uma das palavras chave dessa tendência é justamente a “autogestão” do indivíduo, pois desde jovem o aluno é estimulado a procurar grupos de discussão com fins de crescimento e autonomia. A pedagogia Libertária abrange ainda variadas interpretações, como a anarquista, a psicanalista, a dos sociólogos e professores progressistas, tendo como principais nomes Alexander Neill, Miguel Arroyo e Célestine Freinet, grandes teóricos que vão trabalhar toda essa parte da pedagogia.

Em tempo, vale ressaltar que entre os anos 1970 e 1980, o filósofo brasileiro Dermeval Saviani desenvolveu um novo conceito, que ficou conhecido como Crítico-Social aos Conteúdos. Nesse modelo, além das características gerais das teorias progressistas, o professor se torna um mediador dos saberes a serem ministrados dentro de sala de aula. São trocas diversas. E o que faz essa diversidade é o que faz a beleza de tudo. A escolha dos conteúdos continua sendo relacionada à realidade social dos jovens, bem como os ideais de transformação social. Porém, conforme aponta o nome da tendência, Crítico-Social aos Conteúdos, tais conteúdos devem formar o jovem para mundo adulto e para os problemas que ele irá enfrentar, não apenas focando no encaixe no mundo do trabalho, como seria em uma tendência conservadora, mas também a sua participação ativa em uma sociedade democrática.

O que é a teoria progressista? Progressismo refere-se a um conjunto de doutrinas filosóficas, sociais e econômicas, que têm como base a ideia de que o progresso, entendido como avanço científico, tecnológico, econômico e comunitário, é vital para o aperfeiçoamento da condição humana. Temos que progredir sempre. Como a língua está sempre viva, nós também, como seres humanos estamos sempre progredindo. Você não é o que você era há um ano atrás, e não será o que você vai ser daqui a um ano. Ninguém pode ficar estagnado.

Existem três vertentes principais dessa prática pedagógica educativa progressista. A vertente libertadora; também conhecida como pedagogia de Paulo Freire, é a Pedagogia do Oprimido, onde a pessoa tem que ter noção da sua condição, de aonde se encontra, e de que pode evoluir. Só estudando, se educando e socializando. Não tem outro meio, nem varinha de condão. Não

existe. Depois temos a vertente libertária, que é a autogestão pedagógica, defendida por Freinet. E finalmente, a vertente da crítica-social dos conteúdos, do Libâneo, que prioriza os conteúdos em confronto com as realidades sociais.

Então vemos, na Pedagogia do Oprimido, que teve Paulo Freire como seu principal autor, onde Freire defende que o objetivo da escola seria ensinar o aluno a "ler o mundo para poder transformá-lo". Essa leitura de mundo é muito importante. Para ele, isso faria com que os pobres e vulneráveis entendessem a condição de oprimidos e agiriam em favor da própria libertação. Essa pedagogia é muito mal interpretada, muito achincalhada, o Paulo Freire é muito malhado. Não vamos esquecer que, Paulo Freire é estudado no mundo inteiro, como um dos grandes pedagogos da humanidade. Temos que tirar o chapéu e defender aquilo que é nosso. Entendam o que é a Pedagogia do Oprimido.

Sua principal característica é a do diálogo autêntico. O método exige uma relação de autêntico diálogo, em que os sujeitos do ato de conhecer se encontram mediatizados pelo objeto a ser conhecido. Se você não conhece que isso aqui, na minha mão, é uma caneta, eu posso discursar o ano inteiro sobre a caneta. Se você não entende que isso é uma caneta, se você nunca viu uma caneta, nunca pegou uma caneta, você não vai entender o que é uma caneta. Há a necessidade dessa autenticidade do diálogo. Não vamos tampar sol com peneira, não é por aí que caminha a humanidade. A problematização da situação permite aos alunos chegar a uma compreensão mais crítica da realidade pela troca de experiências em torno da prática social.

Outras características e suas consequências

- Problematização da realidade visando a transformação dos sujeitos;
- Relação professor-aluno é horizontal, ambos são sujeitos no ato educativo;
- Relação dialógica, valorização do autêntico diálogo: "aquela em que sujeitos do ato de conhecer se encontram mediatizados pelo objeto a ser conhecido";
- Antiautoritária, elimina qualquer pressuposto de relação de autoridade;
- Recusa conteúdos tradicionais, parte de temas geradores com relação a realidade/experiência vivida;
- Ato educativo é um ato político;

- Somos seres políticos, pois somos seres humanos. Vem de Aristóteles essa alcunha do ser humano.
- Forma de trabalho a partir de grupos de discussão;
- O professor passa a trabalhar grupos de discussão. O que é interessantíssimo. Porque cada um tem a sua ideia, e é interessante haver essa troca.
- O professor é um animador, caminhando junto no processo de problematização, mas intervêm o mínimo indispensável;
- O aluno é um sujeito ativo;
- Sem avaliação formal (provas etc...)
- Essa Pedagogia Libertadora é muito interessante de ser colocada.

O Célestin Freinet (1896-1966), autor da Pedagogia Libertária, vai trabalhar com o desenvolver mecanismos de mudanças institucionais e no aluno, com base na participação grupal, onde ocorre a prática de toda a aprendizagem. Exerce uma transformação na personalidade do aluno o sentido libertário e autogestionário. Tem quatro eixos: a cooperação (para construir o conhecimento comunitariamente), a comunicação (para formalizá-lo, transmiti-lo e divulgá-lo), a documentação, com o chamado livro da vida (para registro diário dos fatos históricos), e a afetividade (como vínculo entre as pessoas), que entra pela primeira vez no aprendizado. Há uma necessidade afetiva no aprendizado. Professor e aluno tem que ter afetividade. Você não está ali apenas para ganhar o seu salário como professor. Vai escolher outra profissão se você não tem paixão por aquilo que você faz como professor. As principais características dessa pedagogia são: A motivação que está no crescimento dentro da vivência grupal, pois supõe-se que o grupo devolva aos seus membros a satisfação de suas aspirações e necessidades.

Outras características e suas consequências

- Toda organização se baseia na autogestão;
- Vivência grupal;
- Antiautoritária, porque não aceita outra forma de poder;
- Professor e aluno são desiguais e diferentes;
- O professor é um orientador e um catalisador;

- Os alunos são livres;
- Favorece o desenvolvimento de pessoas mais livres;
- O conhecimento deve servir aos interesses e a vida prática do aluno;
- Valoriza a experiência do aluno;
- A estratégia pedagógica deve ser não diretiva;
- Aprendizagem informal; e por ela ser informal ela deixa as pessoas mais à vontade e por deixar as pessoas mais à vontade, você aprende mais sobre o seu aluno porque ele se abre mais. Tem-se uma riqueza de conhecimentos absurda.

A outra pedagogia é a Pedagogia crítica-social dos conteúdos. O termo foi criado por José Carlos Libâneo (1945-), que publicou em 1985 o livro "Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico social dos conteúdos". A tendência crítico-social dos conteúdos surgiu na década de 1970, em reação à pouca ênfase dada pela pedagogia libertadora ao ensino de conhecimentos sistematizados.

A principal característica é uma vertente da pedagogia que busca transformar a escola numa instituição que atue na sociedade, preparando os alunos para participarem ativamente nela. Não fica somente no mundo das ideias platônicas, vai chegar à Aristóteles ao transformar aquelas ideias em ação.

Outras características e suas consequências

- Busca conteúdos concretos e vivos, que estejam relacionados com a realidade social
- Propõe que a escola seja parte integrante da sociedade;
- Orienta os alunos para que participem ativamente na sociedade;
- Parte da relação entre a experiência do aluno e o saber sistematizado;
- Propõe uma educação ligada à realidade sociocultural e econômica do aluno;
- Enfatiza a importância dos conteúdos em confronto com as realidades sociais;
- Visa formar sujeitos pensantes e críticos.

Como conclusão venho dizer a vocês que os conteúdos de ensino devem ser culturais e universais constantemente reavaliados de acordo com as realidades sociais; devem ser significativos na razão humana e social. Aquilo que o aluno não tem entendimento, não tem tesão em aprender, não vai aprender. Ele tem que entender que aquilo que ele está aprendendo tem uma prática, vai ter um uso, vai ter uma ação. Vai melhorar de alguma forma o mundo dele, a sociedade dele, a leitura de mundo dele. E cabe ao professor, então, a tarefa de escolher conteúdos de ensino adequados às peculiaridades locais e as diferenças individuais. É essa a nossa fala de hoje, Obrigada.

PRIMEIRO APARTE

Daniele do Val

Cecília, que belo resgate sobre as teorias da educação. Quando você enfatiza, não só Paulo Freire, mas Libâneo, e você vai trazendo essa importância de entendermos os contextos de vida dos sujeitos, isso é fundamental para a gente entender, não só essa defesa da educação inclusiva, mas pensar os direitos e a cidadania das pessoas com deficiência, das que têm algum tipo de transtorno de aprendizagem. Porque na verdade, historicamente, como essas pessoas se encaixavam a um modelo formal de ensino? O que tínhamos ali, na verdade, não era um processo de inclusão e formação para a vida. A gente tinha ali, como você bem disse, um projeto de educação que acabava formatando as pessoas. Isso me lembra que eu tenho duas alunas que estão fazendo seus trabalhos de conclusão de curso sobre Educação Inclusiva, sobre a questão da inclusão das pessoas com deficiência, e eu me recordo, que no processo de orientação, uma das linhas que se traz para a reflexão é, justamente entender o que é inclusão e o que é exclusão. De uma forma muito resumida eu trouxe uma frase, para que se possa pensar, porque vai ao encontro do que você traz. Porque quando se fala da questão da inclusão e da exclusão das pessoas com deficiência, mas de qualquer pessoa que não corresponda a um determinado padrão de sociabilidade, e vamos falar da heteronormatividade, por exemplo, se precisa pensar a inclusão social como aquilo que trata das questões que envolvem o respeito às diferenças, e a participação igualitária de todos os cidadãos. Em contrapartida, o que seria a exclusão? Ela consiste no quê? De acordo com uma vivência, que não vai trazer a essa pessoa a oportunidade da interação. A exclusão seria um

produto histórico de mecanismos sociais, mas que não são, necessariamente um estado fixo, imutável. Na verdade, esses mecanismos sociais que a segregam e marginalizam, são dinâmicos, por isso eles podem ser superados, mas ela acaba afirmando estereótipos, ela acaba afirmando estigmas. Isso faz com que aqueles atributos de uma pessoa, se eles não corresponderem àquilo que o coletivo, a sociedade diz, aquela pessoa pode ser marginalizada, segregada. Daí vem a importância de pensarmos uma educação progressista, para que se possa, a partir dos avanços, entender o que seriam os direitos humanos, a dignidade da pessoa humana, a cidadania, porque assim vamos falar da formação para todas as pessoas e uma formação para a vida. Ter essa consciência sobre a importância da igualdade, vamos falar no âmbito das instituições de ensino, da igualdade de oportunidades, e de respeito à diversidade. Porque aí vamos falar da aceitação e da inclusão. Ontem foi dia de eleições municipais aqui no Brasil e eu votei numa escola, que no corredor onde eu me direcionei à sala da minha sessão, tinha um mural falando sobre diversidade e inclusão. Eles não só fizeram um mural com diferentes peças de quebra cabeça, cada peça significava que, estão ali com um desenho de uma forma diferente, mas que juntos nos traria um sentido e um significado de coletivo. Cada pecinha tinha cores diferentes, tamanhos diferentes, tinha uma imagem que me lembrou a questão do etarismo, porque tinham peças que eram mais envelhecidas e outras mais novinhas. Olha que interessante. Uma escola de educação fundamental, você já está formando as crianças para pensarem o respeito às diferenças. Vimos num dos podcasts, que produzimos aqui, o quanto que isso é ainda recente no nível superior e o quanto que se precisa, de fato, divulgar também as boas práticas que já existem, para que se vá ampliando essas possibilidades para os alunos. Por isso trouxemos a professora Graça, o professor Ailton, que falaram dos setores de Saúde Integral e do CAIP. Trouxemos os alunos para darem os depoimentos, e onde a gente mostra o quanto é possível trabalhar a formação pela diversidade em respeito às diferenças, também no ensino superior. Quando se fala da questão do capacitismo, porque quando se pensa a luta antipacifista, trazemos essa reflexão para o âmbito da educação, estamos falando de uma formação, que vai não só formar profissionais críticos propositivos, como pessoas mais conscientes, e aí se forma, de fato, o cidadão. E a cidadania vai englobar tanto essa formação profissional, como essa formação para as relações sociais. E isso é que vai contribuir na transformação das realidades mais

opressivas, como bem trazia Paulo Freire. Quando você muda as estruturas sociais, você muda essa sociedade.

Agora vou passar a palavra para o Rodolfo Justine, psicólogo, mestre em terapia de família e casal, pós-graduado em estudos de gênero, masculinidade e saúde pelo Centro Interdisciplinar de Estudos de Gênero da Faculdade de Ciências Sociais do Chile. Ele tinha que ter vindo nos nossos podcasts sobre diversidade de gênero, não é Cecília. Olha isso, vamos ter que repetir essa dose! Será? Ele tem vasta experiência acadêmica e prática no campo da violência sexual, das questões de igualdades e oportunidades de gênero, na aplicabilidade de programas de cuidados para agressores de violência física e das aplicações diárias da masculinidade no campo das relações de casal. É psicólogo, mas é também professor. Leciona no Programa de Mestrado para Residentes Médicos em Psiquiatria da Caixa de Seguro Social e no Programa de Mestrado em Terapia Familiar da Universidade Católica Santa Maria Antiga. O Rodolfo tem uma vasta experiência com populações diversas. Aqui no Brasil falamos muito das minorias sociais, grupos minoritários, acho que são encontros para a gente pensar quem são essas pessoas. E ele vai falar um pouquinho sobre os principais desafios que ele encontra na sua prática clínica, no seu trabalho, no atendimento voltado às pessoas nessa perspectiva da educação inclusiva. Você está com a palavra Rodolfo e muito obrigada por participar com a gente desse podcast.

3.4 Os principais desafios encontrados na prática clínica, em atendimento, voltados para a educação inclusiva

Rodolfo Emilio Justine Limbo - psicólogo clínico e professor universitário do Panamá

Vamos lá. Bom dia, Daniele, obrigada a Maria Cecília, amiga minha de muito tempo, obrigada pelo convite. Eu estou refletindo um pouco sobre os principais desafios encontrados na prática clínica em atendimento voltado para esse nosso tema aqui da educação inclusiva e a situação do que é que é inclusão. Eu tenho umas reflexões poderosas sobre o nosso tema. Eu também gosto que se vocês tiverem alguma pergunta que façam, gosto dessa interação. Porque eu não falo português, eu falo uma coisa mais simbiótica, pois minha língua principal é o espanhol. É uma coisa para terem em mente.

Vou começar dizendo que a prática clínica é o exercício da psicoterapia, no contexto de que eu pertenço. É uma revisão de uma situação que o consultante ou paciente traz a esse espaço conformado pelo terapeuta e o paciente e a interação de ambas mentes. O encontro dessas duas mentes. A terapia é a administração do processo de câmbio de pessoa, como a pessoa terapeuta logra e estabiliza esses câmbios, que são essenciais para a melhor adaptação.

Eu gosto de começar a falar disso porque a terapia é um espaço, que existe as duas mentes. Existe a realidade de quem é o terapeuta, que poderia ser o sinônimo de um professor, e a outra pessoa que se beneficia, ou que traz a sua questão problemática, que poderíamos dizer que é a sala de aula. E é nesse espaço onde existe também esse assunto que eu chamo de inclusão.

Uma máxima do pensamento de terapias de sistemas, que é parte do que a gente chama da terapia sistêmica familiar - a qual diria que pertenço - postula que a terapia com famílias e casais ocorre na mente do terapeuta. Não é precisamente na quantidade de pessoas que estão sentadas na nossa frente, que determina o que é familiar, no sentido que tem uma terapia que é com casal e também uma que é com pessoas, que é individual.

A ideia de que a terapia acontece na mente do terapeuta, também nos faz refletir, que também essa dinâmica da família e do casal tem que existir na mente do terapeuta. Isso quer dizer que é nesse espaço que chamamos mente que acontece o entendimento da dinâmica familiar ou do casal.

Eu acho que é um bom ponto de partida para falar também da inclusão, porque é na mente de pessoas como nós, terapeuta/professor, que tem que existir essa outra dimensão.

Na situação que tem a ver com educação inclusiva acontece uma coisa parecida. É na mente do terapeuta onde ter que se dar sentido a aquilo que chamamos inclusão; aquilo que o terapeuta não entende, não existe e ele ou ela é cego ante tal o qual fenômeno, que com certeza tem muito a ver com aquilo que aflige e cria mal estar da pessoa, cria patologia na vida dessa pessoa.

Essa cegueira é profissional, mas também é uma cegueira de vivência, aquilo que não nos pertence, não entendemos. Esse é um resumo interessante daquilo que eu faço profissionalmente. Eu falo que o meu trabalho é entender. E uma das coisas que eu estou entendendo e ouvir falar a Maria Cecilia é que o

professor é uma pessoa que faz uma tradução, uma tradução daquela realidade da pessoa/estudante, que nós temos que dar sentido. Ai é uma coisa interessante da leitura fixa da realidade, que é a ideia que o ensino tem que ser vivo, tem que ser contínuo. É porque a vida própria tem que ser assim. E logo as leituras fixas das realidades, em termos de psicologia ou psicopatologia é o que faz que as pessoas entrem num mal estar. O mal estar pode ser uma situação que você não entende, e a terapia vem justamente fazer isso, ajudar você a entender a sua situação. Se é uma situação porque para nós terapeutas familiares a patologia pode acontecer no seu sistema nervoso, pode acontecer na dinâmica com a família, e também a patologia pode vir do contexto. Se você mora e tem que andar três horas de ônibus para o seu trabalho, a qualidade do ar não é boa, o seu salário não é bom, isso é uma fonte de patologia. Isso é uma coisa certa a entender por parte da pessoa que está ofertando uma solução, ofertando uma situação chamada terapia. Essa cegueira profissional é importantíssima no sentido que o trabalho essencial da pessoa terapeuta é entender que entender é um processo, que implica ao paciente, é na conversação terapêutica, que se dá esse intercambio das mentes, onde acontecem uma série de fenômenos.

Eu poderia dizer que têm três fenômenos, que eu gostaria de falar.

Um tem que ver com a circularidade dessa conversação entorno a situação problema se cria um novo espaço, o espaço terapeuta-paciente e cria-se também uma nova série de ideias ou percepções da nossa realidade, realidade onde acontecem novas narrativas, novas leituras, onde pode existir uma possibilidade nova.

Dessa conversação onde o paciente é experto da sua experiencia de vida interatua com a mente do terapeuta, ele ou ela também é mudado, atravessa uma transformação na qual o conteúdo do pensamento, da mente do paciente passa através da experiencia e da mente do terapeuta e acontecem uma série de coisas: se cria entendimento da situação patológica e se cria uma nova realidade, onde a leitura do mal estar não é a tônica dominante, deixa de ser a leitura principal e a experiência do paciente deixa de ser tão patológica e vira uma situação mais adaptativa, ou voltada à adaptação.

Logo tem o nosso terceiro ponto, que tem que ver com a repetição dessas conversações, desses encontros e de como eles mudam as mentes de ambos,

terapeuta e paciente, e cria-se a possibilidade, segundo o Gregory Bateson, de uma mente comum, onde os conteúdos de ambas mentes podem interatuar criando um espaço novo para ambos, o que viria ser a mente comum como tal. Eu gosto de dizer que não precisamos das respostas de tudo. Você não precisa saber tudo para poder viver. É só você saber que algumas coisas, que são problemáticas, talvez a resposta não esteja na sua mente, mas na mente de outra pessoa. Essa a importância de perguntar, de intercambiar, de socializar as coisas. Porque você fica em contato e acessa soluções. Que você pode sair de uma dinâmica ou de uma leitura restrita, para uma leitura mais fluída da realidade, da sua realidade.

Essa criação desse novo espaço comunicacional onde a possibilidade do outro existir em nós, a realidade do paciente e a do terapeuta na mente da outra pessoa é um esboço de inclusão. Por que inclusão? Só quando a realidade da outra pessoa pode virar a nossa, quando o outro deixa de ser outro e só existe sujeitos e que podemos falar de inclusão. A nossa conversa terapêutica viria a ser um valor para você, funcionaria como um acervo de informação, porque você já não incide nessa leitura repetitiva, você viraria uma pessoa voltada à ação, com uma capacidade diferente de acionar na sua realidade.

Logo acontece o reto do novo ante a mente dos outros. A vontade de que aquilo que se apresenta como diferente quer cativar a nossa mente, onde o direito do outro procura existir. Em psicoterapia a mente do terapeuta, sobretudo, procura entender, dar sentido, já seja como parte de uma teoria, um modelo ou desde a própria experiência. Esse é um ponto muito importante a refletir, porque tem muitas pessoas que querem encaixar a pessoa a um modelo. Então, você deixa de se sentir como pessoa e você vira um sujeito de estudo. Eu gosto de dizer que é dessa própria experiência das pessoas que nós temos que encontrar soluções e que deve existir solução. É na pessoa que acontece a mudança, acontece aquilo que chamamos cambio. É nesse momento que passamos a enxergar a realidade do outro e também nos colocamos perante essa nova realidade como pessoas que procuramos entender, dar sentido, desde a nossa experiência sentida até o lugar onde está essa outra pessoa, coletivo ou comunidade. Acho isso muito importante, como falava Maria Cecília, de convidarmos as pessoas. É muito importante porque não é só o assunto do conhecimento, mas da realidade sentida no corpo, dessa divisão que muito

tempo existiu, da mente estar sadia, do corpo estar sadio. Mas a mente e o corpo é a mesma coisa. Não há uma diferença absoluta entre o que acontece na mente e acontece no corpo. Falamos estar sendo filmados, ficamos constrangidos no corpo. É uma experiência que não tem uma divisão. É a mesma coisa.

Uma reflexão importante é como, desde o ponto de vista profissional, nos conduzimos com diferença de outra pessoa. Essa necessidade de entender a educação inclusiva atinge a mente das pessoas que fazem terapia como um reto, que desde a curiosidade procura acordar na experiência sentida, um novo sentido de como essa experiência acontece no outro. É um trava língua, um trava palavra, mas é como a pessoa existe. Porque como você falava, Daniele, não existe uma diferença real entre as pessoas. Todos compartilhamos como somos diferentes. Então, essa diferença também existe em mim. Só acessar como eu sou diferente, como também eu sou excluído, para entender a outra pessoa. A reflexão não é precisamente como somos excluídos, mas como a gente se mobiliza, a força que segue. Você logra a criar em você um potencial de ação, para que você possa agir em favor de você.

Isso é muito do que meu trabalho terapêutico no consultório e no hospital, onde tenho a oportunidade de compartilhar, me leva a refletir; também como professor universitário de programa de mestrado, também gero reflexões importantes de como essa situação inclusiva atinge a realidade do espaço da aula.

Sempre acho interessante como é o docente que é chamado a trazer a ideia da inclusão, penso que também existe a situação de como os professores viramos uma minoria e até podemos ser excluídos, porque não conformamos com a norma dos estudantes. Sendo que professor e alunos não compartilham uma meta comum: criar uma nova mente. No aluno também existe essa divisão, essa individualidade, que pode ser até diferente da nossa. É um trabalho peculiar.

Também acho que, cada vez com mais frequência, desde a minha experiência, encontro com jovens colegas, que querem se formar, mas muita gente não sei se quer se formar, quer acessar um diploma, acessar uma oportunidade, que se falava da educação para cumprir uma finalidade, para se inserir na produção, ter um emprego, e começar a gerar salário. Mas o diploma também é uma metáfora, uma metáfora de conhecimento. Ter o diploma

também quer dizer que você é experto, é mestre, naquilo que você se formou. E mestre tem a conotação que tem que ver com experiência e praticidade.

E também não se compartilha uma coisa básica, que faz parte de todas as disciplinas "transformadoras" como educação e psicologia que é a paixão pelo conhecimento. Entender como desde a epistemologia acontecem os fenômenos e qual é a nossa posição perante eles. Esse será sempre o nosso reto porque essa é a parte que sempre está mudando, que é uma construção contínua.

Então, ouvindo vocês, acho que também têm uns retos importantes. E desde a minha realidade, eu sempre gosto e gostei de fazer a seleção de estudantes, também uma nova força. De que os estudantes sejam de contextos, que também eles possam logo dizer profissionais e ter um impacto nas suas comunidades. E que os estudantes também representem essa parte da diferença, que não sejam só, porque às vezes a universidade pode ser um pouco elitista. A paixão pelo conhecimento pode também ser uma coisa que você descrimina a pessoa que é menos apaixonada, ou que tem menos conhecimento ou menos capacidade.

Eu adoro a ideia de que grupos minoritários se formem, nesse sentido, e que possam fazer esse trabalho com as comunidades deles, que eles conhecem melhor. E eu acho isso uma paixão. Também acho que alunos desinclusão têm essa dualidade: desinclusão e formação voltada ao exercício da exclusão. Essa parte eu acho que é importante que à meta da psicologia podemos refletir sobre isso. E também preparar profissionais para essa situação da diferença. Todo mundo é diferente, não tem uma pessoa que eu tenha atendido até agora que eu possa dizer que é igual à outra. No hospital cada vez mais isso é muito importante. Porque todo mundo tem uma situação diferente. Mas é importantíssimo o trabalho, porque você ajuda às pessoas a transformarem as suas vidas, principalmente, porque têm algumas pessoas que têm uma situação neurológica, gastrológica, que você tem que ajudar a fazer essa adaptação. Eu penso que isso tudo também é uma situação de inclusão.

SEGUNDO APARTE

Daniele do Val

Queria trazer, mais a título da gente tentar refletir. Você traz alguns pontos importantes. O primeiro a destacar é essa sua fala final: “todos são diferentes, eu nunca no meu atendimento clínico atendi alguém que eu possa dizer esse aqui é igual ao outro”. É isso né. E a partir daí pensarmos as potências que existem nas diferenças. É uma chave para a gente pensar a formação humana, a formação para a vida. Apesar de falarmos que as pessoas são diferentes, mas não podem ser vistas como desiguais, a gente ainda tem uma tendência a tentar equiparar, a tentar padronizar. E se não conseguirmos romper com isso, não estamos pensando as potências, as individualidades que podem se colocar presentes e contribuir para a própria coletividade. Um outro ponto interessante que você traz, sobre a sua experiência no atendimento clínico. O primeiro aspecto que eu entendi da sua reflexão é se pensar esse atendimento clínico como espaço de fala e de elaboração das experiências de vida daquela pessoa, que está naquele processo relacional terapeuta, para que ele possa entender como essas experiências de vida podem afetar o seu desenvolvimento humano, na sua interação social. O que que eu faço com aquilo que me afeta? O que que eu faço com o que eu sou, com o que desejo? Na verdade, o atendimento clínico vai se dar nessa relação do terapeuta com o paciente, nesses processos que são vividos pela pessoa e que permitem a essa pessoa pensar sobre isso. O aluno, a pessoa, que precisa dos aportes, dos suportes, para que possa ser enxergada nas suas potências, e não só nas suas diferenças, quando essas diferenças são estigmatizantes, quantas experiências são vividas por essas pessoas e o quanto que isso afeta na sua própria estruturação psíquica. Mas, principalmente, como que se pode contribuir para que ela possa enfrentar e responder a isso. Quando você faz uma analogia no processo terapeuta/paciente, como a professora Cecília fala do professor e do aluno, é que a gente se constitui nessa relação. Eu fiquei aqui pensando que esse enfrentamento, como você bem disse, ele não é só individual. Ele precisa ser coletivo, envolver a família, e ele também envolve as demais instituições sociais nas quais essa pessoa circula. E a instituição de ensino é uma delas. Ela é um dos espaços, dos terrenos no qual essa pessoa se constitui como sujeito. Se precisa dar atenção a isso. Quando se fala dessa formação não ser enquadrada, apenas para ter um diploma, porque ter um diploma significa também dar uma satisfação

social. As pessoas veem ainda a formação de nível superior como algo que vai trazer a elas um status, que a educação média não traria. Só que na verdade, qual é a qualidade dessa formação? O que está para além desse diploma? Não é só a participação daquele estudante, mas o quê que a instituição de ensino contribui para que esse estudante possa ter um significado diferente para esse diploma. Vamos aí falar do significado político, social, que vai rebater diretamente na sua constituição como pessoa. Foi um pouco isso que eu consegui apreender da sua fala e que me remete também para algumas outras anotações que eu tinha trazido, porque quando se pensa a questão da inclusão e da exclusão, se a gente não consegue oferecer a essa pessoa os mecanismos, seja macro estruturais ou micro, para que ela possa desenvolver as suas potências, a gente, na verdade, continua a fomentar o preconceito, comenta-se o bullying, comenta-se a segregação. Então, mais do que viabilizar o acesso desse cidadão à uma escolarização, estamos na verdade, e temos que ter atenção de promover o acesso à uma formação para a vida. Qual é a contribuição que cada um de nós, seja como professores, psicólogos, assistentes sociais, instituição de ensino, família, como podemos contribuir, porque as demandas para existirem precisam ser vocalizadas. Porque quando se pensa essa questão no campo dos direitos, não adianta eu dizer para você qual é o seu direito, você precisa dizer para mim qual direito que você tem, qual a sua demanda, qual a sua necessidade. Precisa estar vocalizado, mas a sociedade precisa estar preparada para acolher essa demanda. Pensar a educação inclusiva neste terreno é extremamente importante. Foram essas as reflexões que você me suscitou e espero ter compreendido, de fato, o que você trouxe para partilhar. Eu tinha trazido algumas questões, perguntas, para fazermos um bate bola rapidinho. Tanto Rodolfo, quanto Maria Cecília e eu, para podermos finalizar esse momento de hoje.

AS PERGUNTAS

Daniele do Val

Primeira pergunta, e estamos falando de profissões distintas aqui hoje, de nós que estamos sentados aqui à mesa. A partir das nossas experiências e das nossas trajetórias profissionais, quais são os principais desafios que se identifica para pensar uma política plena de educação inclusiva? Pode-se entender a questão da educação, não só circunscrita à essa formação do nível

superior, que já trabalhamos em outros podcasts, mas a educação para a vida. A partir das nossas experiências profissionais. Este seria um primeiro ponto.

RESPOSTA À PRIMEIRA PERGUNTA

Rodolfo Justine

Sendo o convidado, vou falar primeiro. É uma pergunta muito boa. Por exemplo, no meu trabalho no hospital sempre tem essa tendência à homogeneização. No hospital psiquiátrico sempre tem essa petição do diagnóstico. Tem essas pessoas que deixam de ser Maria ou José e passam a ser essa pessoa deprimida, com ansiedade, com psicose, e sempre isso exige entender a tradução do outro. Acredito que o pessoal que está se formando em medicina, isso é importante. Muito importante chegar num diagnóstico. Não estou discutindo isso. Estou trazendo esse diagnóstico à realidade da pessoa. Não é uma patologia que existe numa pessoa. É uma pessoa que está experimentando uma patologia. Eu acho que o meu reto como profissional é sempre esse encontro de entender, de ampliar essa narrativa de quem é a pessoa e qual é a sua realidade. E é nesse sentido que eu acho que hoje tem as mudanças mais poderosas, onde as pessoas começam a dar sentido a sua vida. Por exemplo, paciente que tem dor crônica, é uma patologia que nunca vai mudar, nunca vai melhorar disso, mas você pode ensinar a viver. Isso é uma situação de possibilidade maior. E sempre acontece esse acesso à outra pessoas quando a pessoa sente que você entendeu ele ou ela. Para mim essa é a porta de entrada.

RESPOSTA À PRIMEIRA PERGUNTA

Maria Cecília Gama

Para mim o professor, primeiro de tudo, tem que entender que quando ele entra dentro de uma sala de aula, ele está entrando dentro de um local onde ele vai ser um leitor de almas. Há uma necessidade muito grande do professor ler os seus alunos. Saber o quê aqueles alunos estão transmitindo, numa postura sentada, num jeito de pegar um caderno, num jeito de te responder, ou de não te responder. Então, aquele primeiro momento do encontro do professor com o aluno, tem que ter essa simbiose. O professor tem que entender, olhar e enxer-

gar aquele aluno, aí sim, como único, e não como coletivo. Porque as pessoas são diferentes sim. Eu cansei de ter alunos brilhantes e você dizia a palavra “prova semana que vem” e já não ia. Ele tiraria dez tranquilamente desde que a palavra “prova” não aparecesse. Porque eles vêm traumatizados, e eu estou falando dentro do ambiente universitário, porque vinham traumatizados desde pequenos. Daquela coisa da avaliação, fulano tirou 5 e eu 4, chega em casa com o boletim vermelho, já começa aquela pressão em cima. Aquilo é um horror. Um terror. Então, você tem que entender o que levou aquele seu aluno tão brilhante a fazer, naquela avaliação que seria a única, o que eu também acho péssimo, não sei trabalhar dessa forma, não trabalho assim, eu avalio aluno diariamente. Mas enfim, se a gente é obrigada dentro de uma instituição a fazer isso, você tem que dar a ele uma oportunidade de se colocar, sem que a palavra “prova” ou “avaliação” seja tão pesada. Nessa leitura de almas que o professor tem que ter, ele tem que ter essa abertura. Ele não está ali apenas para transmitir um conteúdo, isso qualquer pessoa faz. Ser professor é muito mais que isso, é muito além disso. Ele tem dentro da sua profissão a obrigação de formar aquele cidadão para o mundo que está lá fora, para que ele possa sobreviver nesse mundo, com os seus handicaps e suas benesses. Todos nós temos handicaps, temos deficiências de alguma forma, não existe seres perfeitos, somos seres humanos, não somos perfeitos, a limitação existe. Temos que aproveitar o que temos de positivo. Assim como existem várias inteligências a serem aplicadas e o professor tem que ter flexibilidade, ele não pode ser rígido, engessado. Ele tem que entender o mundo que ele vive, ele tem que entender o mundo de seus alunos e ele tem que saber lidar com isso de uma forma tranquila e acolhedora. Acolhimento sempre será a coisa mais bem-vinda dentro de uma sala de aula. Aí seria para todos a educação.

RESPOSTA À PRIMEIRA PERGUNTA

Daniele do Val

Como eu sou professora, também tenho uma correspondência no que tange esse entendimento da professora Cecília, mas trazendo um pouco uma reflexão no campo do serviço social. Como assistente social, eu costumo dizer para os meus alunos e para colegas de trabalho, que a nossa profissão é uma profissão – acho que teria que ser em todas as outras – mas na nossa é uma obrigação, um

dever ético que está posto para a gente que é: o profissional do serviço social não pode ter preconceito. Pensa-se os atravessamentos que se tem, porque vivemos numa sociedade em que somos forjados, a partir de diferentes culturas, a partir de diferentes instituições, mas que nós, como profissionais, precisamos trabalhar essas questões do preconceito. Na medida em que vamos olhar o sujeito a partir das suas potencialidades e não a partir daquilo que se impõe a ele como uma tentativa de corresponder à uma exigência social, um comportamento social. Me vêm muitas vezes a lembrança dos corpos dóceis e dessa tendência que se tem de querer controlar atitudes e mentes a partir de uma correspondência a esse padrão. Quando se fala dessa docilidade dos corpos está se falando de responder uma lógica de produção e a gente vive num sistema capitalista e a gente vai querer corresponder aos ditames deste sistema. E o quanto que isso vai nos afetando e nos constituindo como pessoas. É um pouco essa reflexão que eu queria trazer. E a gente pensa nas pessoas como um todo, como assistente social, quando se pensa programas de transferência de renda. Tem-se o dinheiro público que precisa ser gasto com responsabilidade, mas também precisamos entender as realidades individuais, da família, dos grupos sociais, para fazer o uso daquele gasto de acordo com as demandas, suas vontades. Hoje tivemos a situação do uso do dinheiro do bolsa família para apostas, tigrinho, enfim. Ai vem aquela discussão: mas é o dinheiro dele. A partir do momento que é um benefício social daquela pessoa, não se tem como fazer o controle. Mas ai vem a discussão: mas é um dinheiro público, porque precisa ser gasto com responsabilidade. E o que é prioridade? Comprar comida ou fazer o jogo? Quando se pensa em todo um conjunto de ritos que incentivam as pessoas a acharem que vão ganhar dinheiro jogando, são as questões que nos atravessam.

SEGUNDA PERGUNTA

Daniele do Val

Rodolfo, como você avalia as políticas públicas de educação inclusiva no seu país?

RESPOSTA À SEGUNDA PERGUNTA

Rodolfo Justine

É complicado. Porque o Panamá, por exemplo, é uma realidade onde a educação chama-se pública, é do Estado, e muito controversa, embora os nossos profissionais sejam os melhores pagos da região, também é uma educação que fica com muito questionamento, porque é muito antiga. E tem esses padrões antigos que resistem a adaptar-se a um novo. Então é um padrão de ensino onde tem um profissional tentado fazer com que as pessoas encaixem no programa ou até que desistem dos estudantes, porque também tem uma marginalização da sala de aula, onde tem tráfico e uma série de coisas que acontecem numa sala de aula. É uma coisa muito complexa. Porque tem muitas coisas que têm que ser resolvidas ao mesmo tempo, e que não podem só se sustentar nos ombros do docente/professor, porque há algumas coisas que já fogem da realidade de uma aula, onde você quer participar desde o prazer da paixão pelo conhecimento, de criar esta situação do estudante. Já no nível superior, onde eu conheço mais, é sempre o reto. Porque tem universidades, que são sinônimos de ensino superior, uma coisa de elite, e da paixão pelo conhecimento, mas só pelo conhecimento, como professor no magistério como uma pessoa com poder. Ele está falando e isso é o trabalho dele. A reflexão gira em torno de como as aulas parecem mais com a vida no mundo, e como nós podemos ler e entender as pessoas mais comuns. Há um tempo levei um projeto social até um ponto, com pessoas que trabalhavam na rua com sexo. E eu falava, porque sempre temos que ensinar finanças a essas pessoas? Para que possam fazer melhor uso do seu dinheiro, dispor de uma forma melhor. Acho sempre que entendemos de um jeito diferente. E também acho que do ponto de vista acadêmico temos uma paixão pelo que foi e temos uma dificuldade de entender o que já existe.

TERCEIRA PERGUNTA

Daniele do Val

Uma última questão a refletir, eu acho que a Cecilia pode nos trazer alguns elementos, pensando no terreno da educação inclusiva, como algo estra-

tecnicamente importante para a formação desse aluno. Temos hoje o avanço da tecnologia tão firme, tão significativo, e se pensa como essa tecnologia pode ser utilizada para apoiar a inclusão, mas o quanto que essa tecnologia também pode, na verdade, mascarar algumas desigualdades, quando se pensa no processo de formação que tem uma origem ainda tão lá atrás. Para finalizar nosso encontro hoje, queria ouvir rapidinho vocês.

RESPOSTA À TERCEIRA PERGUNTA

Maria Cecília Gama

Uma vez me fizeram uma pergunta próxima a essa, num outro momento dentro de uma universidade, há uns vinte anos atrás e o problema era a televisão. Televisão é um botão, você liga e você desliga, ao seu bel prazer. Ah! Porque a televisão faz mal, etc... mas você ligou a televisão porque você quis. Alguém botou uma arma na tua cabeça e obrigou a você ligar a televisão? Assistir programa abc.? Não! Eu penso que a aplicabilidade da tecnologia como inteligência, e por isso se chama Inteligência Artificial – IA – e que seja para uma coisa benéfica para o aluno, pensa bem. O aluno que tem problema de dislexia e dislalia, se ele tem acesso tecnológico a como escrever corretamente, ou como ele consegue ouvir corretamente aquilo que está sendo dito, porque ele pode ouvir mais vezes, isso vai ser de um benefício absurdo dentro do conhecimento e do avanço daquele aluno na sua vida acadêmica. Quando você pega uma criança pequena, que a família coloca o tablet como uma babá eletrônica, isso é um malefício absurdo. Porque eu já vi uma criança fazer assim com o dedinho para uma pessoa adulta, e a gente perguntava, o que é que está fazendo. Não, ela está pedindo para sair da frente, pois se faz assim na tela vai mudando o desenho não é isso, você está na frente dela ela faz com o dedinho porque acha que, qualquer movimento que faça, aquilo vai sair da sua frente. Até que ponto a gente chegou nessa loucura! Não podemos deixar a máquina substituir a inteligência humana, porque atrás de uma máquina tem sempre um homem., sempre um ser humano, querendo ou não. Ah! Mas faz! Sim, porque foi planejado lá, projetado lá, porque foi colocado para que seja feito. Não vamos misturar as coisas. A máquina tem que estar a serviço do homem e não o homem a serviço da máquina. Senão vamos virar “O arquivo” texto maravilhoso, onde o personagem João, de tanto se curvar diante de seu empregador, acaba virando

um arquivo de metal. É uma metáfora terrível, pesada, mas uma realidade a ser pensada. Tudo tem que ser feito com equilíbrio, racionalmente e com responsabilidade. E sabendo que aquilo está ali para benefício do ser humano e não para malefício. Quem está atrás de programa que vai dar ao jovem essa oportunidade tem que saber muito bem o que está fazendo. Existe um limite para tudo. Eu dei o exemplo no outro podcast do Super Blue o computador que bateu o Kasparov no xadrez, mas uma única vez. O enxadrista ganhou todas as outras.

RESPOSTA À TERCEIRA PERGUNTA

Rodolfo Justine

Penso na linha que a Maria Cecilia está falando, que é o propósito. A tecnologia sempre existiu, desde um livro, uma fono empresa, é tecnologia, sempre existiu, mas é o propósito para que você usa. Se você está usando uma tela babá, o propósito é esse. Não é formador. Isso é um assunto que eu adoro na terapia de família. Qual é o propósito dos filhos na família. Porque também é um investimento de tempo e de afeto. É você que tem que fazer o trabalho que está fazendo a tela. É a pessoa humana que tem que fazer esse trabalho de ficar com essa criança para entender sua humanidade. Eu adoro a tecnologia porque agora que eu estou revivendo o meu português, uso meu tradutor portátil, então, eu vejo como é que se fala isso. Eu acho importante porque posso agir na minha vida e solucionar, é libertador. Eu posso fazer muitas coisas. Estava trabalhando com uma paciente ontem à noite que ela estava tendo uma crise, ela ligou e eu posso fazer uma vídeo chamada e esse é o poder da tecnologia. Mas também tem essa coisa escura do capitalismo, sempre tem uma forma de usar a tecnologia para fazer dinheiro e cativar a mente das pessoas. Para isso é preciso ter uma mente que entenda a realidade. Os jogos que as pessoas investem uma quantidade de tempo incrível. É uma coisa diferente. Você desenvolve uma série de habilidades que são, até certo ponto, parciais, fictícias, você fala com pessoas que você não conhece que também estão jogando. Tem gente que escreve no telefone melhor do que fala pessoalmente. Se expressam melhor, então eu peço que me mandem mensagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Daniele do Val

Quero muito agradecer à Cecília pela construção diária aqui dos seus podcasts e da nossa parceria e ao Rodolfo Justine por ter aceitado esse convite e ter podido colaborar com a gente nesse podcast de hoje, Renato muito obrigada pela sua presença e desculpe qualquer interferência nessa experiência nova de estar gravando e filmando, mas espero que a gente tenha conseguido colaborar um pouco com esse debate. Obrigada!

CONCLUSÃO

Daniele do Val de Oliveira Lima Santa Bárbara

As reflexões desenvolvidas ao longo deste ciclo de podcasts reafirmam a educação como direito, prática de cidadania e espaço fundamental de reconhecimento da diversidade. Nessa perspectiva, falar em inclusão significa ultrapassar a garantia formal de acesso às instituições de ensino e avançar na construção de condições efetivas de participação, permanência, aprendizagem, interação, convivência e desenvolvimento.

A educação inclusiva é aquela que garante educação de qualidade para todas as pessoas, independentemente de suas condições físicas, sensoriais, intelectuais ou de aprendizagem. É necessário reconhecer que as diferenças não devem se constituir como obstáculos ao processo educativo, pois são expressões da condição humana. Esse entendimento pressupõe que as instituições educacionais é que precisam rever práticas, metodologias, currículos, recursos e atitudes que acolham e respeitem as pessoas com deficiência.

Uma educação verdadeiramente inclusiva exige ambientes acessíveis, apoio adequado, formação permanente dos profissionais e disposição institucional para acolher diferentes formas de aprender e participar. No ensino superior, esse compromisso se torna especialmente relevante, pois não basta assegurar o ingresso: é preciso criar condições para que os estudantes permaneçam, desenvolvam suas potencialidades e concluam sua formação com autonomia e dignidade, tornando-se profissionais capazes de mobilizar os

saberes construídos e as competências desenvolvidas em favor da coletividade e da construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

As experiências apresentadas também evidenciaram que a inclusão se constrói pela escuta. Conhecer trajetórias concretas permite compreender que cada estudante traz consigo necessidades, desafios, capacidades e possibilidades próprias. Nesse sentido, valorizar as diferenças e defender a inclusão implica em reconhecer sujeitos para além de diagnósticos, limitações ou dificuldades, dando visibilidade às suas potências e às condições que favorecem seu desenvolvimento. O suporte institucional, o respeito, a solidariedade e a comunicação aberta são elementos fundamentais para a construção de ambientes educacionais mais acolhedores e humanos.

O debate sobre inclusão não pode ser dissociado do debate sobre as desigualdades, dos preconceitos e das pressões presentes na sociabilidade contemporânea. Processos de exclusão, estigmatização e imposição de padrões repercutem sobre a participação social, a autoestima e a saúde mental, podendo também comprometer trajetórias educacionais. Por isso, educar para a diversidade significa igualmente formar para a empatia, o respeito, o diálogo, os direitos humanos e a convivência democrática, contribuindo para que as diferenças não sejam transmutadas em desigualdades.

Nesse percurso, os podcasts se revelaram coerentes com os princípios discutidos. Ao articular conhecimento acadêmico, experiências institucionais, depoimentos e diferentes vozes, os podcasts se tornaram instrumentos fomentadores de informação, escuta, diálogo e reflexão. E mais do que divulgar conteúdos, possibilitaram a aproximação dos conceitos e experiências, sensibilizaram para questões que atravessam o cotidiano educacional e contribuíram para a construção de uma cultura mais inclusiva e cidadã.

Concluimos, portanto, que a consolidação de uma educação para todas as pessoas depende de uma responsabilidade compartilhada entre instituições, profissionais, estudantes, famílias, Estado e sociedade. É um processo permanente, que exige compromisso, revisão de práticas e disposição para reconhecer a diversidade como constitutiva da vida social.

FOTO DOS PARTICIPANTES DO PODCAST



Ana Carolina, Franciane e Eduardo os alunos



Maria Cecília Gama e Daniele
do Val - Estudios FOA



Graça Maria Cecília, Daniele, Ailton e Renato



Representante do jornalismo Rodolfo Justine,
Maria Cecília, Daniele e Renato - Estudos FOA



Vania Daniele, Eduardo,
Maria Cecília, Franciane,
Ana Carolina e Heitor

REFERÊNCIAS

ASSUMPÇÃO JR, Francisco B. **Os mistérios do pensamento humano: a construção da saúde mental na história**. Amarilys Editora, São Paulo – SP 2026

BEZERRA, Giovani Ferreira. **A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva: a problemática do profissional de apoio à inclusão escolar como um de seus efeitos**. Revista Brasileira de Educação Especial, Bauru, v. 26, n. 4, p. 673-688, out./dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-54702020v26e0184>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/B8T8rMXW8BzMJnNq5JBsXqK/>. Acesso em: 16/08/2026.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em: 16/08/2026.

BRASIL. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2000. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10098.htm Acesso em: 16/08/2026.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2014. Disponível em: Lei nº 13.005/2014 – PNE. Acesso em: 16/08/2026.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: Lei nº 13.146/2015 – Lei Brasileira de Inclusão. Acesso em: 16/08/2026.

BRASIL. Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Brasília, DF: Presidência da República, 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm. Acesso em: 16/08/2026.

BREWER, Judson. **Desconstruindo a ansiedade**. Tradução Beatriz Medina. Editora Sextante, Rio de Janeiro, RJ, 2021

BRUNER, Jerome. **Sobre a teoria da educação**. 1ª ed. Editora Pharte. São Paulo, SP. 2000

CARVALHO, Antônio José. **Síndrome de Burnout: uma ameaça invisível no trabalho**. Editora Interciência, Rio de Janeiro, RJ, 2023.

FERRARI, Marian A. L. Dias; SEKKEL, Marie Claire. **Educação inclusiva no ensino superior: um novo desafio. Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 27, n. 4, p. 636-647, dez. 2007. DOI: [10.1590/S1414-98932007000400006](https://doi.org/10.1590/S1414-98932007000400006). Disponível em: SciELO – Educação inclusiva no ensino superior: um novo desafio. Acesso em: 16/08/2026.

FREINET, Célestine. **As técnicas de Freinet na escola moderna**. Tradução Silva Letra. 4ª ed. Editora Estampa. Lisboa, Portugal, 1975

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Editora Paz e Terra. São Paulo, SP. 1975

GALLO, Silvio. **Pedagogia libertária: princípios políticos filosóficos**. In: PEY, Marua Oly Educação libertária: textos de um seminário. Rio de Janeiro / Florianópolis, SC. 1996

LOCKMANN, Kamila; KLEIN, Rejane Ramos. **Políticas de Educação Inclusiva: fragilização do direito à inclusão das pessoas com deficiência na escola comum**. Revista Educação Especial, Santa Maria, v. 35, e56, p. 1-20, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5902/1984686X71375>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/71375>. Acesso em: 16/08/2026.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da Educação e da Pedagogia**. 2ª ed. rev. Tradução: Luiz Damasco Penna. Editora Nacional, São Paulo, SP. 1963

MOREIRA, Ramon Luiz. **Os sete pilares da qualidade de vida**. Editora Leitura. Belo Horizonte, MG. 2009

MONTESORI, Maria. **A mente da criança: mente absorvente**. 1ª ed. Editora Kíron. Campinas, SP. 2021

NOZU, Washington Cesar Shoiti; BRUNO, Marilda Moraes Garcia; CABRAL, Leonardo Santos Amâncio. **Inclusão no ensino superior: políticas e práticas na Universidade Federal da Grande Dourados**. Psicologia Escolar e Educacional, São

Paulo,n.esp.,p.105-113,2018.DOI:<https://doi.org/10.1590/2175-35392018056>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/n4ZQnWfkYt7W3YSrh3VMpmt/>. Acesso em: 16/08/2026.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia- a resposta do grande psicólogo aos problemas do ensino**. 10^a ed. Editora Forense Universitária, São Paulo, SP, 2010

RODRIGUES, Bruna. **Ausubel e Bruner: questões sobre aprendizagem**. 1^a ed. Editora CRV, Curitiba, PR. 2020

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. Tradução: Manuel J. do Carmo Ferreira. Editora Martins Fontes, São Paulo, SP. 2009

SANTOS, Tatiana dos; HOSTINS, Regina Célia Linhares. Política nacional para a inclusão no ensino superior: uma revisão da legislação. Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 194-200, 2015. DOI: <https://doi.org/10.17921/2447-8733.2015v16n3p194-200>. Disponível em: <https://revistaensinoeeducacao.pgsscogna.com.br/ensino/article/view/3104>. Acesso em: 16/08/2026.

SILVA, Joselma Ferreira Lima e; SILVA, Lindalva Gomes da; SILVA, Rosuíla dos Santos; PARENTES, Maria Daiane da Silva. **Um olhar sobre a educação inclusiva no PNE 2014-2024: desafios e perspectivas**. Práticas Educativas, Memórias e Oralidades – Rev. Pemo, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-14, 2020. DOI: <https://doi.org/10.47149/pemo.v2i1.3514>. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3514>. Acesso em: 16/08/2026.

TOMELIN, Karina Nones et al. **Educação inclusiva no ensino superior: desafios e experiências de um núcleo de apoio discente e docente**. Revista Psicopedagogia, São Paulo, v. 35, n. 106, p. 94-103, abr. 2018. Disponível em: <https://revistapsicopedagogia.com.br/revista/article/view/328>. Acesso em: 16/08/2026.



